

Laboratório literatura

Dez experimentos poéticos

Isadora Dutra
Organizadora

**Laboratório
literatura**

IPSIS
STISPT



LIBRIS
LIBRIS



UNIVERSIDADE
FEDERAL DO RIO
GRANDE DO SUL

Reitor

Carlos André Bulhões

Vice-Reitora e Pró-Reitora
de Coordenação Acadêmica

Patrícia Helena Lucas Pranke

EDITORA DA UFRGS

Diretora

Luciane Delani

Conselho Editorial

Carlos Eduardo Espindola Baraldi

Janette Palma Fett

João Carlos Batista Santana

Luís Frederico Pinheiro Dick

Maria Flávia Marques Ribeiro

Otávio Bianchi

Patrícia Chittoni Ramos Reuillard

Virgínia Pradelina da Silveira Fonseca

Luciane Delani, presidente

IPSIS
IL
LITTERIS

COMISSÃO EDITORIAL DA COMPUB/IL

Ana Lúcia Liberato Tettamanzy

(Coordenadora)

Félix Valentín Bugueño Miranda

Rita Lenira de Freitas Bittencourt

Ruben Daniel Méndez Castiglioni

Valdir do Nascimento Flores

(Coordenador Adjunto)

Conselho Editorial

Adriana de Borges Gomes

(UNEB)

Adja Balbino de Amorim Barbieri Durão

(UFSC)

Andrea do Roccio Souto

(UFSM)

Aulus Mandagará Martins

(UFPEL)

Carlos Garcia Rizzon

(Unipampa)

Carolina Knack

(UFRGS)

Claudia Zavaglia

(Unesp)

Daiane Neumann

(UFPEL)

Eliana Inge Pritsch

(Unisinós)

Helano Jader Ribeiro

(UFPEL)

Janaina de Azevedo Baladão Aguiar

(PUCRS)

Juliana Roquete Schoffen

(UFRGS)

Lúcia Rottava

(UFRGS)

Márcia Elisa Vanzin Boabaid

(UFSM)

Maria Salette Borba

(Unicentro)

Patrícia Chittoni Ramos Reuillard

(UFRGS)

Patrícia Peterle Figueiredo Santurbano

(UFSC)

Vera Lúcia Cardoso Medeiros

(Unipampa)

Virginia Sita Farias

(UFRJ)

Valéria Neto de Oliveira Monaretto

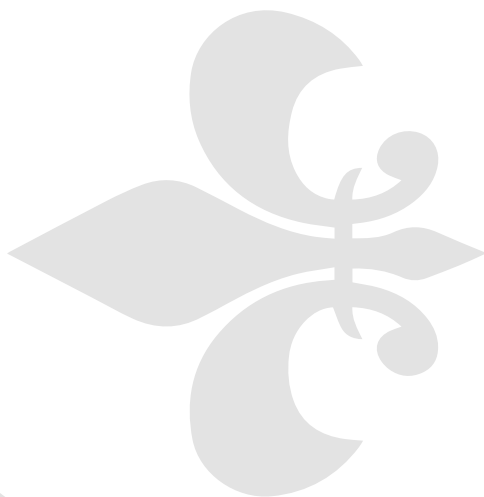
(UFRGS)

Vitor Jochims Schneider

(UFSM)

Laboratório literatura

Dez experimentos poéticos



Isadora Dutra
Organizadora

© dos autores
1ª edição: 2021

Direitos reservados desta edição:
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Revisão textual e editorial: Rafael Ferreira Goulart
Projeto gráfico e editoração eletrônica: Clarissa Felkl Prevedello

A grafia desta obra foi atualizada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 1º de janeiro de 2009.



L123 Laboratório Literatura: dez experimentos poéticos [recurso eletrônico] / organizadora Isadora Dutra. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2021.
230 p. : pdf

(Ipsis Litteris)

1. Literatura. 2. Processo criativo. 3. Escrita. 4. Texto literário. 5. Poesia. 6. Literatura - Pesquisa - Criação - Recepção - Difusão. I. Dutra, Isadora. II. Série.

CDU 808.1

CIP-Brasil. Dados Internacionais de Catalogação na Publicação.
(Jaqueline Trombin- Bibliotecária responsável CRB10/979)

ISBN 978-65-5725-060-0

SUMÁRIO

- 7 Experimento 1: Maçã
- 17 Experimento 2: Guarda-chuva
- 31 Experimento 3: Asas
- 47 Experimento 4: Abismo
- 67 Experimento 5: Primavera
- 97 Experimento 6: Guerra
- 129 Experimento 7: Areia
- 149 Experimento 8: Mar
- 171 Experimento 9: Copo
- 199 Experimento 10: Antídoto
- 223 SOBRE OS AUTORES

Experimento 1: Maçã

clavícula

não gosto de maçã
ela gosta de maçã
maçã é bom pra gastrite, diz ela
tira o sono
melhor que cafeína
eu prefiro cafeína
cada vez que a vejo
o cabelo está mais curto
e a clavícula bem mais delineada
gosto da clavícula
gosto muito das veias
e dos três sinais nas costas
gosto até da maçã
que mastiga distante
de mim

Anna Laura Schepp de Lima

Não qualquer maçã!

Primeiro, toquei e então
Agarrei a maçã
Dei-lhe o nome:
Hilda Hilst
Então mordi
A grande dentada
Estalou a maçã
Escorreu o suco
Na penumbra
Pelos cantos da boca
E, por dentro,
Era um ruído vertiginoso

Isadora Dutra

O que pode uma maçã

Para adoçar uma pessoa basta colocar o nome num papel
dentro da maçã bem vermelha, e cobrir a maçã
com uma generosa camada de mel
e para amarrá-la coloca-se os nomes dentro da maçã
bem vermelha,
e passe um laço de fita no entorno
para sedução basta dar um nome à maçã
dar-lhe um nome e um rosto,
e então devorá-la libidinosamente, como quem come uma fruta
para atrair dinheiro basta perfurar a superfície da maçã
com cravos-da-índia, e deixá-la sete dias ao lado de moedas
para abrir os caminhos basta escrever um desejo num papel
colocar dentro da maçã, cobri-la de mel
e enterrá-la num jardim, numa noite de lua cheia
para amaldiçoar uma pessoa basta colocar seu nome
dentro de uma maçã e deixá-la apodrecer
deixar vir os bichos e o odor, deixar vir a natureza
e então depositá-la na frente de um cemitério
para descobrir a verdade basta oferecer uma maçã verde a um duende
e depositá-la no meio da floresta

Daphini Couto

Maça

Que fruta curiosa é essa tal de maçã
Em português, nem precisa mais de acento para ser comida.
Faça o teste: procure no seu buscador por “maça”.
O que achou?
A maçã é o pseudofruto pomáceo da macieira
A maçã é antioxidante, nutritiva e previne a gripe
Muitas maçãs! Mesmo se estivesse procurando por maçãs.
Digite no seu tradutor favorito: “maça”
E o que achou?
Isso mesmo: “apple”.
“Uma maçã”? “An apple”.
Quem diria
que um dia
toda maçã
viraria maçã?
Mas maçã é uma coisa diferente, não serve para comer.
Mas se você disser em voz alta, então maçã já vira massa.
Aí já é de novo coisa para comer.
Agora olhe, observe o teste final, o ultimato:
No seu celular, digite sem compromisso “maca”
“Você quis dizer maçã?”
E se não tomar cuidado, sua maca vira uma maçã.
E o ferido já não pode mais se salvar.
Será que em português ainda é possível
Que alguém ferido por uma maçã seja socorrido numa maca?
Vai lá, autocorretor:
Fui ferido por uma maçã, preciso de uma maçã.
É.

Marco Antonio Rocha

Momento newtoniano

Errante no jardim de minha saudade
Repousei à sombra da árvore do fruto proibido
Recalculando o que havia passado entre nós
Incapaz de explicar ou compreender
As forças que agiram em nossos corpos
Tampouco a elipse que descrevo em sua órbita
Foi nesse instante que acabei surpreendido
Quando a resposta que precisava
Me atacou de cima
Num doce golpe da maçã caída
Relembrando a constante que nos mantém
Uma atração
Que é lei

Roger Gregory

Ainda sobre as maçãs

A vaidade
Não lembro se é o quinto, ou sexto
Ou o terceiro dos capitais
A vaidade, dizem que tudo é vaidade
A terrível vaidade
Tomo-a em uma das mãos
(Mão direita, que é a que eu escrevo)
Ergo aos céus a vaidade
Rio. Na verdade dou gargalhadas
(Porque eu entendi a piada)
E eu mordo a vaidade
Tomo-a nos lábios, entre os dentes
Eu mastigo a vaidade
Sonoramente, com a boca cheia e molhada
A vaidade, eu engulo a vaidade!
Recebo-a em meu sistema
Sinto descer pela garganta
A vaidade, eu rumino a vaidade
E não faço cara feia
Eu como a vaidade
Faço a digestão, a metabolização
Eu acolho a vaidade em meu sistema
Entre a minha carne e os ossos
A vaidade, eu a fagocito com o espírito
Eu inspiro e sublimo a vaidade
Entre alquimias e análises
E na síntese eu invento um antídoto
E eu mesma vomito a vaidade
Por escrito.

Daphini Couto

Maçã

no princípio era a semente
geminada e protegida
num útero maduro
protegido numa carne branca
envolta em pele escarlate

encravada pelo pai
já estava incrustada
nas costas do inseto
putrificando pus
besouro cigarra escaravelho

colhida do corpo vegetativo
pelas mãos que bordavam
e acariciavam o marido
morde com a boca de ressaca
que beijava o desejo

e na queda
e na quebra
e no despedaço
uma constelação doce
mostrava os astros
no chão da cozinha
um destino espatifado
cheio de formigas

mas não limpa
pega um livro
na estante verde

capa vermelha
folhas brancas

e prevê algo
e revê outro
e vê um último

espalha os cabelos no lençol
cobre os olhos com o livro
e vê tudo

Matheus Dorneles

O dente e a maçã

- Mamãe, mamãe, meu dente tá ficando mole!
- Ah é, filha? Quer que eu tire?
- Não, tenho medo!
- Medo de quê?
- De doer...
- Não vai doer. Faz assim: mexe bastante nele, deixa ficar mais mole e come uma maçã, sai rapidinho, vai nem perceber!

Mexi, mexi e mexi no dente o dia todo. Depois da janta peguei a maçã pequena que minha mãe me deu, e mordi sem confiança, ainda com medo. Mas tive uma surpresa.

- Nossa! Tá gostosa essa maçã, mamãe!
- Que bom, filha! E o dente?

Nem ouvi: já tinha me esquecido do dente. Sentia o sabor daquela maçãzinha suculenta, durinha e crocante, que dava uma sensação boa ao mastigar, azedinha e adocicada como nenhuma outra, de um jeito que eu nem sabia que gostava. Rápido, rápido, fui comendo, mordendo, mastigando e sorvendo aquela delícia de maçã que logo sumia das minhas mãos vorazes.

No final, lambi os dedos molhados de suco e sorri pra minha mãe pedindo mais.

- Não falei, filha? Funcionou direitinho, nem deve ter doído!
- Ahn? Mas meu dente não caiu...
- Olha no espelho, menina!

Xi... É mesmo, nem sinal do dente. E sabe que eu nem me lembrava de nada ter caído... Ih! Acho que teve uma hora que pensei ter mordido uma coisa meio dura, que achei que era uma semente e nem prestei atenção, engoli tudo direto. Ups!

- Mamãe... Acho que engoli meu dente... A fada ainda vem?

Sofia Navarro Schinke

Experimento 2: Guarda-chuva

**história real de 14 de setembro de 2017:
era um guarda-chuva de arco-íris**

fui no asun comprar areia pros gato
não tinha a areia dos gato
fui até o zaffari
perdi o cartão de crédito
achei o cartão de crédito no caminho
voltei no zaffari
comprei a areia dos gato
na osvaldo senti uns pingo de chuva
esqueci o guarda-chuva
ah mas vá à merda
não, não voltei pra buscar o guarda-chuva

Anna Laura Schepp de Lima

How to use

Pra mim é adereço
Acessório ocasional
Faz vezes de arma, ornamento,
Bengala de sábio ou báculo de lorde

Não que eu me importe
Com alguns pingos de chuva
Mas em suma
Guarda a imagem enxuta
E na multidão me faz mais forte
Garantindo-me espaço que não me pertencia

Mas entre tantas,
Sua melhor serventia
É poder servir de proteção
Sob tórrida neblina,
À sorte de uma companhia.

Roger Gregory

Primeira Carta aos guarda-chuvas

Ainda que eu andasse pelo Vale da sombra e da morte
E ainda que eu falasse a língua dos anjos
Ainda que fizesse um mês inteiro de chuva
E no fim tudo ficasse alagado
Eu não temeria mal algum
E sem o amor eu não seria nada
Sem o amor e sem guarda-chuvas.

Ainda que eu andasse com as meias encharcadas
E ainda que eu perdesse o ônibus prestes a chegar no ponto
Eu não temeria mal nenhum
Porque não posso fazer nada
Sem o amor e sem guarda-chuvas
Eu não temeria mal algum
Porque nem o bem existiria
Nada além da chuva molhando nossas cabeças.

E ainda que eu tivesse o dom da profecia
E conhecesse todos os mistérios e toda ciência
Ainda que tivesse toda fé
E ainda que tivesse dois guarda-chuvas
No vale da sombra e da morte
Eu não temeria mal algum
Pois sem amor eu era nada
Uma outra coisa assim molhada
(Apesar de ter dois guardas-chuvas!).

Porque em partes conhecemos o amor e o tempo
E em partes profetizamos e escrevemos sobre
Mas, quando vier o que é experiência e verdade,

Então aquilo que é apenas em parte será aniquilado
Completamente encharcado sob a chuva
Neste vale de luz e de sombra, da vida e da morte
Num dia de angústia sem guarda-chuvas nem botas de borracha

Quando eu era menina falava como menina
Sentia como menina, pensava como menina
E temia as chuvas repentinas
Logo cheguei a ser mulher
E o tempo e o espaço se desdobram de outras formas
Tudo faz parte do Todo, num fluxo contínuo infinito
Em que os guarda-chuvas todos abrem suas asas
E partem para explorar o mundo inteiro, sozinhos.

Daphini Couto

Dissolução

I

A última vez que eu tomei banho de chuva feliz
Sem medo com meus primos eu ainda nem batia o nariz
Na barriga da vovó
Naquela época o banho era sem guarda-chuva, sem raio lá na praia
Lavava a água o cabelo fino e o barro, nossa história

II

Desde sempre quem em Osório mora sabe controlar um guarda-chuva
Em cima de uma bicicleta no vento
Sem quebrar, terra de Oyá
Meus banhos seguintes foram debaixo de um guarda-chuva
Vinha primeiro o cheiro de esgoto, depois a chuva, depois os pés
Parava, olhava pra cima, controlava o cabo como se fosse um remo
[sorrindo
O sorriso tinha um cheiro, molhava as mãos, a chuva nas mãos
[não tem plim nem plom
As chuvas de Osório enchem e enchem o pé ligeiro, o guarda roda
Agora ploc e ia-se a roupa seca, desde essa época
Já sabia que não se devia lavar a cabeça
Por isso eu e a chuva costumávamos ser um só cheiro separadas por
[um guarda-chuva

III

Veio o dia da nuvem triste
A nuvem triste não me deixava mais chover, era desgosto
Desde o dia, perdia todos os guarda-chuvas que levava
Acendia o cigarro em pé na sacada e molhava
Ia de cabeça aberta secar o vento
Ou eu me molhava, o olho pisca a mão e o cabelo na cara
Brigava

Sozinha
Para raio

Leito IV
Era chuva naquele dia de Agosto
A manhã inteira choveu
E nos meus olhos se encheram guarda-chuvas
Morfeu cochichou: perdeu

Ariane Guedes

Cena de rua

o dia
dentro do cinza
dentro da rua
dentro da chuva
com o homem dentro
e o guarda-chuva vermelho
e dentro do guarda-chuva
nos ombros do homem a criança
leva o vermelho feito um sol
dentro do homem

Isadora Dutra

Era um guarda-chuva covarde

Um guarda-chuva destes com alça na ponta do cabo
preso na cadeira no exato instante
em que tenho o impulso de andar
na direção do que eu tinha vontade
mas desisti
porque o guarda-chuva
(destes com alça na ponta do cabo)
ficou preso na cadeira justo no instante
em que tive o impulso de ir adiante
na direção de quem eu tinha vontade
e o guarda-chuva preso assim parecia
um sinal do universo para se ter cautela e evitar
levantar tão imediatamente da cadeira

Mas que besteira
era só virar o cabo para a direita
dar dois passos para frente
e com um sorriso dizer olá

No fim das contas o guarda-chuva
se amarrou na cadeira
por pura covardia.

Daphini Couto

Investigação de um guarda-chuva surreal

(Para Andressa Bastos Paz)

o que guarda, afinal, um guarda-chuva?
nem chuva nem sol
um guarda-chuva surreal
debaixo das águas de uma tempestade em copo d'água
ou só copo d'água
nem cheio nem vazio
só pela metade
dividido o copo em dois momentos, o do cheio, o do vazio
na mais perfeita contradição da metade
e de toda tempestade que vem com as metades!
o que guarda, afinal, um guarda-chuva?
equilibra um copo sem tempestade, mas com metades no nível do meio
numa verdadeira ode à aurea mediocritas
o mais perfeito equilíbrio equilibrado no para-raio de um
[guarda-chuva!
o que guarda, afinal, um guarda-chuva?
com suas asas de morcego abertas às vezes em paraquedas
às vezes em capa de Batman
e fumam os morcegos!: cigarros que não são óbvios
mas lançam a fumaça laranja que sufoca o anelídeo oligoqueta
de ventre áspero que desesperado ergue a cabeça viscosa como quem
[busca ar
e ignora a própria habilidade cutânea feito uma isca
porque todo aquele que se ignora vira isca!
parece ser uma lei da natureza que o guarda-chuva sabe contar
e assim repleto de coisas guardadas
ninguém nem repara no discreto tubarão! em águas verticais que o
[guarda-chuva guarda

Isadora Dutra

A tempestade guardou
O Guarda-Chuva
E o Guarda-Chuva que
Sempre foi de ficar guardado
Soltou-se das mãos pequeninas
Dos homens
Na rua
Para dar
um suspiro aliviado
Logo subiu pro ar e se juntou
À tempestade
Que inundava
Um pedaço entre
O coração dos transeuntes
E o riso dessa cidade

Os que seguravam
o Guarda-Chuva
Correram para fugir
De se molhar
E todos que viram a cena
Sentiram saudade
De um cemitério de
Guarda-Chuvas
enterrados no céu

Matheus Camini

Como usar um guarda-chuva

Nas horas de luta
Um guarda-chuva tem muitas utilidades.

Se camufla de fuzil
Pra quem nos vê com hostilidade
Nos tornando alvo chamariz
(É bom pra se fazer de isca)
Mas nos dá distância dos inimigos
Que não possuem arma tão sofisticada.

Pode ser barco nas enchentes
Que inundam nossos sonhos com ódio
Mas acima dela nós flutuamos
Salvando todos no caminho
E ainda curtindo a correnteza
Num parque aquático imaginário.

Também se faz de esconderijo
Ninguém vê quem somos nós
Agora anônimos e ninguéns
Só pés e braços sem rosto
Planejando a guerrilha
Na trincheira escura de lona.

Pode ser um vasto guarda-sol
Nos concedendo abençoada sombra
Nos dias de inferno do verão
E ser simplesmente guarda-chuva
Quando vem a tempestade de surpresa
E essa ninguém esperava mesmo.

Pode ser abrigo e contato e carinho
União e empatia
Pra quem tá juntinho embaixo dele
Se molhando um pouco nos lados
Porque é inevitável
Guarda-chuva não é Deus
Pra nos salvar de todo o mal

Mas reúne quem precisa dele
E aqui debaixo nos encontramos
Em beijos e abraços, apertos de mão
Em silêncios cansados que suspiram
Esperando a chuva passar.

Sofia Navarro Schinke

Amarela

“Hoje, uma borboleta, assim, toda amarela,
Veio bater aqui junto à minha janela. (...)”

Emiliano Perneta

Sentado à escrivaninha, ouvia a chuva batendo à janela. Numa tarde sem sabor, minha distração era continuar minha tese de doutorado. Ainda não sabia onde estava com a cabeça quando decidi que queria mais aquele nível. Lembro-me muito bem que, no dia em que apresentei minha dissertação de mestrado, jurei que aquilo bastaria. É tanta dedicação sobre algo para ter tão pouco valor pelos demais: são pouquíssimas as pessoas que realmente tomam conhecimento de sua obra e, as que se interessam um pouco, não fazem nada com ela — pois é só mais um estudo acadêmico. E os alunos da graduação, então? Eles pouco se importam com o que você fez, eles querem o diploma e pronto. Alguns o procuram e realmente parecem se importar: os chatos.

Parei um instante para observar os detalhes naquela tarde cinza. Pessoas apressadas com seus guarda-chuvas armados não para guardar a chuva, mas para da chuva se guardar. Alguns desprevenidos, não tinham do que se guardar, mas corriam para não serem alcançados. A chuva assusta.

Entre uma pessoa e outra e entre tantas que observei, vi alguém passar com um guarda-chuva amarelo. Era uma moça, certamente. Não vi seu rosto, como não conseguia ver o de ninguém. Mas ela era bonita, muito bonita, eu sabia disso. Ela não me viu — e até agora ela provavelmente não sabe que um estranho a tem em seus pensamentos. Preso aqui, em meu quarto, guardado da chuva, sou estranho para todas aquelas pessoas na rua. Sou estranho inclusive para aquela menina de amarelo, de guarda-chuva amarelo, mas ela já não é estranha para mim. Assim que me aproprio de sua presença, transformo-a em meu ídolo. Crio uma imagem tão perfeita do meu pequeno vislumbre que

me arrependo de não ter descido as escadas correndo e seguido o seu rastro cor de sol. “Ela era perfeita”, minto para mim, como se tivesse deixado escapar a oportunidade da minha vida.

É desesperadora a sensação do “nunca mais”. Eu estava tão aturrido pelo encanto daquela moça que nem sequer gritou no meu ouvido este corvo. Ela se fora, mas deixara a sua essência em minha memória: um guarda-chuva amarelo numa tarde sem cor.

Marco Antonio Rocha

Experimento 3: Asas

Ironia

Em volta há muros
Uma porta fechada
Com uma tranca
Que não solta
Quando em revolta
Acerto a parede branca
Com murros
Tenho as mãos inchadas
Ouço urros
Mas há uma saída
Uma janela aberta
Escancarada
Mas é preciso pular a janela
Aberta no décimo andar
...
Só tem um jeito:
Criar asas!

Isadora Dutra

Teoria do caos

O bater de singelas asas
Pode causar tempestades
Inomináveis e inesperadas
O bater de singelas asas
Pode trazer o fim do mundo
E o recomeço
O bater de singelas asas
Pode causar estremecimentos
E desmoronar tudo
Mas o bater de singelas asas
Pode ser o que espalha
As nuvens escuras do céu
Pintando o resto da semana de azul
Depois do ciclo das chuvas
Intermitentes e terríveis
Que antecedem a primavera.
Inomináveis e inesperadas
São as coisas todas que podem
O bater de singelas asas
(Inclusive evitar a queda).

Daphini Couto

Lua pálida

não tenho asas.
o que posso fazer?
não tenho asas
nunca tive
até quis
tudo fiz
para ser alado

mas não tenho asas
e ninguém sabe
como vive
aquele que cava
como um dever
a cumprir calado

não tenho asas
até quis
tudo fiz
e esperei crisálida
por fim, resignado
à luz de uma lua pálida
percebi:

debaixo dessa epiderme
existe só o verme

Isadora Dutra

Asas terrenas

Não só os anjos têm asas
Os demônios também têm.
A uns foi dado o céu
A outros o inferno.
Mas à galinha não foi dado
nem céu nem inferno
nem voo nem nada.
A galinha é terrena
e ao terreno, somente a terra.
Ao que é terreno, o direito
de ciscar
de migrar
de cacarejar
de botar ovo
de chocar o ovo
de cuidar do pintinho
de criar.
As asas da galinha
não lhes foram dadas para voar
As asas da galinha
são asas para abraçar
e abarcar
e proteger
e zelar.

Marco Antonio Rocha

Fotografia

Anda. Ri. As mãos mostram, os dedos querem dizer. Café. Dois, por favor. O riso e o esforço para que nunca haja silêncio, pois é perigoso. Anda. Ri. O vento suave nas folhas soando como um suspiro gigante nos cabelos, e o cheiro da primavera. Já é primavera aqui, o tempo sempre adiantado, as coisas acontecem primeiro no meio destas árvores. E as coisas jamais aconteceriam debaixo destas árvores. Mas é bela a paisagem, e o vento suspirando imenso entre os cabelos tem cheiro de primavera. Ri e senta. Não cruza os braços, veja só. Já é primavera aqui. Ri, o esforço para evitar o silêncio que seria perigoso, pois o vento suspira imenso e as pessoas têm olhos e bocas. É assim mesmo. E as minhas mãos pousadas no colo, os ombros curvados esperando pelas asas que nos tirem de lá.

Daphini Couto

Pena ou pluma

Há aqueles que alegam terem as suas roubadas

Arrancadas

Extirpadas

Outros alegam que, na verdade,

As asas

Não são dádivas concedidas de bom-grado

Nem pra nós

Nem pros pássaros

Em realidade muitos de nós não se lançam no abismo

Para, durante a queda, ganhar a força pra voar

Tal qual fazem os pássaros

Muitos de nós só querem exhibir sua plumagem

Asas vestigiais

Roger Gregory

Relato [experiência asística]

Conheci um amigo
ele tinha asas quebradas
e usava um relógio dourado
de pulso que ganhara na infância
Certa noite
como se eu não soubesse
olhou fixamente nos meus olhos com ar de navegação
e disse que era anjo.
Assim mesmo: anjo.
Eu perguntei a ele
“Mas por que tu não voas?”
Ele disse que não tinha a ousadia
de estar sempre voando
Isso ele deixava para mim
No início achei
tudo muito estranho
Ele me levava para conhecer
altitudes
morros
montanhas
vales
relevos
Às vezes subíamos no último andar
de qualquer lugar
Ele gostava de tomar sorvete de manga
e pedia repeteco
toda vez que eu lhe fazia cócegas
Um dia adormeci ao seu lado
Acordei
Ele não estava mais ali

Me aproximei da janela entre-aberta
(as cortinas ventavam como em princípio de tempestade)
Curvei o corpo
e
Olhei para o céu:
Um pássaro verde cruzava o horizonte
abanava-se
remexia-se
chamava o meu nome

Mateus Camini

A dor das asas

é fácil desejar o voo
sem pensar na dor das asas
desejar sempre alto
mesmo o falso
desde que longe
quando nasceram-me as asas
doeu-me uma dor
não metafórica
ainda que o fossem as asas
doeu-me um calor
febril de ferida aberta
doeu-me até o pavor
em não ter desafogo
do rasgar da carne
e deslocar dos ossos
dilacerar dos músculos
romper do corpo
em fazer passagem

e refundar o esqueleto
para que enfim cada asa fosse descoberta
doeu-me o rasgo torto
que tanto arde
o edema e a cicatriz
como um novo lema
estampado na pele
feita origem e matriz
doeu-me ser corpo em guerra
quando ainda não sabia
que para se fazer voo
primeiro é preciso ser terra
e fonte a jorrar

em deleite de sangue e leite e penar
doeu-me ainda o pudor
por não saber tanto amar
e exhibir as asas
fora do corpo
finalmente libertas

Isadora Dutra

Voo desalado

Sempre achei que pra sair por aí
pra descalçar a terra
pra se despir da gravidade
pra se desnudar da âncora
que te leva para a raiz do oceano
era preciso ter asas.
Mas ontem quando acordei
e pisei lá fora
longe do concreto que me concretizava
não senti o que meus pés tocavam
pois não tocavam nada.
Me senti cheio de um vazio
que não era um vazio esvaziado
era um vazio preenchido
de alguma coisa
alguma coisa leve
tipo gás hélio
mas que não era gás hélio
era uma outra coisa
vazia e abundante
que me fez ir longe
longe, longe.
Eu que nunca tive asas, voei
e nunca mais voltei.

Marco Antonio Rocha

O Evangelho Segundo Eu Mesma

Da vez que foi expulsa do paraíso
Quando Deus e os anjos a cuspiram
Daquele lugar sagrado e inviolável
Quando lançaram-na à Terra com os pés descalços

Quem a acolheu foi o Diabo, evidentemente

Mas daí teve a outra vez
A vez que ela rejeitou o inferno
Pelas mesmas razões que rejeitou o paraíso
E conseqüentemente foi expulsa
Porque era muito pura para o Diabo

Muito suja para o céu
Muito pura o inferno
Com os pés descalços
Ela anda pela Terra em busca
(De quê?)

A Mulher anda sozinha
No meio do caminho
Onde ninguém cruza
E todo mundo se atravessa

A Mulher com a marca da besta na testa
E asas angélicas nas costas
No caminho do meio

Daphini Couto

Metamorfose em borboleta

Casulo:

Já mudo minhas formas lentamente,
Mudo minhas cores a cada instante,
No escuro,
E ninguém vê do lado de fora.

Antenas:

Já percebo tudo que é escondido,
Invisível, fugidio,
Tudo que ninguém suspeita.

Patinhas:

Já posso andar um centímetro,
Sentindo a folha e a terra,
E se move o mundo inteiro.

Metamorfose em borboleta,
Três quartos do caminho andado.

Mas asas,

Que me farão saltar desse casulo,
Que se torna uma prisão desnecessária...

Asas,

Que me protegerão do perigo
E atrairão minha futura companhia,
Com suas estonteantes cores,
Complexos padrões em diferentes formatos...

Asas,

Meu símbolo de liberdade,
Instrumento para bater distâncias e medos.

Asas

De que necessito para ser borboleta...

Ainda faltam vocês:
Só lhes restam aparecer.

Sofia Navarro Schinke

Se for para falar de asas

Me chames, se quiseres falar de asas
dessas que te impedem de seguir voando
Não poderei compartilhar de tuas penas
mas tratarei de cuidá-las com ternura

Me chames, se quiseres falar de asas
temo não ser a primeira em ouví-las
Prometo, não te podarei com o tempo
asas são mais felizes contra o vento

Me chames, se quiseres falar de asas
quero lembrar de cada curva das suas
Poder senti-las completamente nuas
desenhar um mapa de cada detalhe

Me chames, se quiseres falar de asas
sigo esperando apenas seu chamado
Para poder alçar vôo ao seu lado
Me chames, se quiseres falar de asas

Juliana Bastos Paz

Asa Amanhã Tesoura

me abraçou por trás
sentado na cama
pegou a tesoura
e começou a aparar-me
os cabelos e o amor
as asas e o prazer

depois disso admitiu
ter ido até o apartamento
e comido um outro rapaz
depois disso admitiu
ter saído mais cedo
e dado pra outro na sauna

às vezes eu te abraçava
sentado na cama também

mas amanhã de manhã
vou precisar confessar pra mim
que queria ter te abraçado mais
e ter arrancado mais
as penas das tuas asas
e depois tuas asas todas
ter usado a tesoura
prabrir em ti
uma ferida de centauro
pra que tu não esquecesse
das podas que tu fizeste
da dor de voar apenas
com resquícios de asas

amanhã vou querer maldizer teu nome
vou querer destruir tuas letras
vou querer criar um novo alfabeto
amanhã vou querer criar uma linguagem
vou querer um sistema que te exile
vou querer te aprisionar em ti

pra que mesmo com asas
tu não tenha como voar
pra que mesmo com asas
tua única saída seja pra dentro

amanhã eu sentei na cama
e escrevi um poema

Matheus Dorneles

Experimento 4: Abismo

Náufraga

Na inventada juventude do tempo
Nem teus olhos permanecem intactos
Quis eu navegar em tuas pupilas
À deriva no abismo do teu olhar
Na imensidão desse doce naufrágio

Juliana Bastos Paz

Destellos de lucidez

Sumergí del abismo
Que me volvía a un estado onírico
Me encismé en la cumbre de mis sentidos
Y por un rincón de mi mirada
Pude ver la inmensidad del alba
Gozé con la ola de discernimiento
Aunque esté
Lo sé
a un paso de la nada

Andressa Bastos Paz

Paródia

arrastada feito boi cansado
a brisa balança as castanholas dos jacarandás
antes de chegar a primavera
enquanto as paineiras
lançam seus falsos algodões
paródia de neve pelo chão
(nossa natureza paródica!)
antes da primavera
não muito antes
mas bem antes da primavera
a brisa balança a paródia
e quem correr para a beira do rio
em busca de ouvir seus sons de águas
encontrará um porto cada vez mais mudo
quem correr para a beira
encontrará a beira do abismo
e então, só então, chegado à beira,
perguntará o que haverá no abismo
paródia de rio
espiará para dentro dele
e então, só então,
imaginará, o que não fez até agora,
o que poderá ser o abismo
que não viu até agora!
e então, numa paródia de visão,
entenderá que porque não fez até agora
tem ali na ponta um abismo
dentro de um rio calado
e quem correr se arrastará
feito boi cansado
de volta para debaixo do jacarandá

antes de chegar a primavera
e então, só então, se perguntará
se o inverno haverá de acabar
apesar do calor
na paródia da estação
em tudo confusa contramão.

Isadora Dutra

Desequilíbrio em corda bamba

De pé,
Cá estou eu,
Diante do abismo
Que se estende aos meus pés.
E, em meu abismo,
Faço dos meus pés minhas mãos,
E minhas mãos,
Minha única tentativa
De não cair
(Em tentação).

Estou de cabeça para baixo.

A corda a que estou desequilibrada
Não tem a que se equilibrar;
Se equilibra a si mesma,
Acima e adentro o abismo,
Sua própria loucura
(E cilada).

Estou de cabeça para baixo.

E, em nosso próprio abismo,
A corda sou eu,
Que me balança,
E eu sou a corda,
Que me mutila
E metamorfoseia.

Me corrige do equilíbrio.

Sofia Navarro Schinke

Tenho dado murros em ponta de faca

A ponta da língua
A ponta do lápis
A ponta da lança
Na beira da ponte
a ponta da espada
no meio das costas
E os olhos vendados

Se eu mergulhar
De ponta cabeça
Se eu nadar entre os tubarões
Minha carne entre a lâmina e os dentes
Se eu mergulhar
O que será que me espera
No fundo do mar,
no fundo do mar

Na ponta da língua
E na ponta do lápis
Está quase elaborado
O fato que precisa ser descrito
O grito que precisa ser dado
Antes que seja muito tarde
E tudo chegue a um ponto
Irremediável, incompreensível
Entre os dentes e a lâmina
No meio da ponte
Na beira do abismo

Daphini Couto

Vir à tona

há o abismo
certamente
e há a queda
mas há também
o emergir de volta

primeiro, o esforço
o debater-se
consigo mesmo
e com o próprio abismo
a matéria de que é feito
sólida ou frouxa
mesmo líquida
ou pegajosa

então, remexer
densidades, texturas
e, de algum modo,
impulsionar o corpo
refazer o desenho da queda
em novo sentido
descobrir o modo
o movimento necessário
reconhecer o corpo
na forma nova

finalmente criar
o movimento de ascender
e, então, vir à tona
abrir pulmões
já duros

como a escotilha de um submarino
romper a tampa
da superfície
e tocar agora o ar
com a pele
e a boca aberta
com a luz do céu dentro
ofegante

reaparecer do outro lado
desfazer o eclipse
atravessar entre dois mundos
como uma forma de sair
e livrar os braços
da camisa de força
e lançar cada um
para cima
como uma manifestação
nova na superfície
súbita, nascida de uma irrupção
emergir como forma de transbordar
e invadir
de volta o seu lugar

com os braços, então, buscar
perceber em torno
reconhecer
e na oscilação do corpo
encontrar flutuação
ou lugar de apoio
em novo esforço, elevar
o resto do corpo

fazer sair
como um novo nascimento
ressurgir inteiro
do outro lado do mundo
e com outro gesto
finalmente expressar
fazer aparecer
a manifestação de si
e pôr o corpo em pé

Isadora Dutra

A beirada do Mundo

Um passo de cada vez
cuidado, desvie das pedras
me dê a sua mão, não tenha pressa
por aqui, olhe onde coloca os pés
que faz pouco choveu e ainda há lama neste chão

Respira fundo
segura na minha mão
não tenha pressa, desvie das pedras
um passo de cada vez
Não. Por aqui. Cuidado que choveu ainda há pouco
pé por pé, não me solta
é que eu conheço esse caminho
pelo menos passei por um parecido
uma vez, eu acho, mas na época era abaixo de chuva
e fui escorregando até cair ali no abismo.

Calma. Sim, há um abismo
mas respira fundo
(Cuidado onde pisa, por aqui)
agarra a minha mão
não tenha pressa
um passo de cada vez
desvie das pedras
e não precisa ter medo
eu te seguro

Por aqui
mais adiante chegaremos na beira
e faremos o salto no infinito profundo
do Mundo

Daphini Couto

Abismo adentro
se fico ou se vou
tudo é destino
sempre secreto
nos faz clandestino
da própria vida
que a toda hora convida
a cair de cabeça no concreto
abismo que sou

Isadora Dutra

Voragem

das profundezas
de cada palavra
repleta em beleza
emana essa voragem
comigo em suspenso
olho aberto em miragem
no abismo
da tua garganta

Isadora Dutra

Outro Abismo

Agora eu deslizo
Decido escorregar
Se antes fazia isso de pular
Agora prefiro escorrer com a torrente
Que arrasta tudo consigo até desembocar
no mar

Daphini Couto

Abismo de concreto

se joga desse
A
B
I
S
M
O
então flutua

e

voa

além

até alcançar

as estrelas

o céu

o sol

e as tuas asas

De cera

E
R
R
E
T
E
R
E
M

Marco Antonio Rocha

Avesso

Que loucura não seria
Se na hora do pulo
O mundo virasse do avesso
E a queda se tornasse ascensão

E se o mundo estivesse invertido
E na hora do salto infinito
Aquilo que era abismo
Se tornasse um degrau

Que perplexidade não causaria
Nem a queda nem o voo
Mas sim o reencontro
Dos pés com o chão

Daphini Couto

A Dança das Bruxas

Quando houver o levante
Das criaturas selvagens
Que não dormem à noite
E emergem do fundo da terra
E na beirada do abismo ver-se os dedos
Depois corpos inteiros insurgindo
Banhados de lava e outras abominações
Quando o chão estremecer derrubando altas torres
E no meio das fissuras tectônicas
Ver-se brotar um exército de criaturas
Selvagens que não dormem à noite
Neste dia, com dedos e corpos escalando o abismo
Neste dia haverá uma Dança Cósmica
Neste dia nada deverá ser temido
O apocalipse virá não pela trombeta do anjo
Mas sim através do alaúde de um bardo

E eu aqui aguardo pacientemente
Pelo retorno das criaturas selvagens
Que, como eu, não dormem à noite
Que, como eu, emergiram do abismo

Daphini Couto

sem volta.
Me desligo,
pouco a pouco,
do mundo.
De repente ele está lá:
O abismo.
O abismo que habita em mim.
Se eu entrar nele,
Não me procure.
É preciso me perder no abismo
para me encontrar.

Danielle Kiste

Poema Clichê

Não tem imagem mais óbvia:
colocar um abismo adiante
uma coisa assim convidativa
aquilo que mobiliza o desejo profundo
de render-se às profundezas
de entregar-se e deixar tudo
fluir e ir embora, sem nenhuma resistência
uma imagem de pânico e alívio
o abismo diante dos pés
o desejo de enfrentar o perigo
e perder
o desejo lúbrico de morrer um pouco.

Por isso é tão óbvia esta imagem
por nos teus olhos a sensação
e a miragem de um abismo profundo
que me convida a mergulhar
no interior secreto e guardado
no âmago inexplorado
do teu mundo.

Daphini Couto

2018 palavras cessaram de mim

Há quem me veja

Descendo

A três quarteirões por minuto

Mesmo que esteja

Parada

A 30km/h

Lançada

Trinta tiros

Foram dados

Nas últimas

30 horas

Trinta

Caíram.

-

Há quem me veja no chão lavada no sangue dos meus irmãos.

Ariane Guedes Falcão

Salto final

O abismo que há mim
está de frente para o abismo
que há em você.
Nossos abismos seguem profundos
esperando nosso salto final
salto mortal.
Mas quando meu abismo vê
o seu abismo, nosso salto
fica indeciso.
Porque meu abismo quer
abraçar o seu salto decidido
e seu abismo quer abraçar
o meu que está irredutível.
Mas o salto já não quer saltar
para as entranhas do abismo
meu salto assim como o seu salto
quer saltar para o outro abismo
o abismo do outro.
E para que os abismos se aproximem
e os saltos finais se tornem saltos
inaugurais
Construamos uma ponte.

Marco Antonio Rocha

Imenso precipício

em queda
quando
tropeço por dentro
e caio
em mim

Isadora Dutra

Desabismado

Lançou-se num salto ao abismado desconhecido
prova de que estava acordado, não adormecido.
Depois que aprendeu a voar e voou
nenhum abismo mais o incomodou.
Porque o abismo é o mar das criaturas aladas
anda-se por ele como Cristo pelas águas.
E quando se jogou às rimadas paralelas
atravessou-o fácil como a uma alada gazela.

Marco Antonio Rocha

Haikai abissal

E deste teu abismo
Imenso e absurdo eu penso:
Sorte que caí

Daphini Couto

Escrever

Para M. Duras

é preciso a poesia

ela conta o salto
de uma rainha
em negro e azul

cambaleante e besta
voa perdida no perigo
do vão entre nós
do abismo vazio

no fundo da solidão
tem vozes ancestrais
que ecoam o silêncio
dotras asas imóveis

ela tenta continuar
e sair pela janela
mas na beira da mesa
a mosca morreu
ninguém viu, ninguém escreveu
a morte da mosca é o escuro
de cada verso, é o desconhecido
da escrita do universo

Matheus Dorneles

Experimento 5: Primavera

15 horas

Sempre sento no lado do sol
me ardem os olhos e sua o peito
Nunca sei qual o lado certo
Sempre isso de sentar no lado
Com o sol direto na testa
O vidro quente e a sensação de derretimento
Delírio e ondas no asfalto
Mas eu amo a primavera!
Ah eu amo o calor e a primavera!
O ônibus faz a curva, eu pego sombra
Amo estar em assim
Com a primavera nos poros

Daphini Couto

Perspectiva Primavera

A poesia está no dia a dia
Na flor da primavera
Cor de carmesim
A poesia está na estação
Poetisa do equilíbrio
Perene jasmim
A poesia está no outro
Que faz-me eu
Que está em mim
A poesia é o fruto
Tu és a flor
Meu ser, jardim

Nathan Barcellos

Sal de outubro

não venha falar de flores!
nossa primavera é abismo
de sol em rio
fingindo ser mar
no sal de outubro

Isadora Dutra

Brutalidade

se poetizamos a primavera
ou se é o contrário...
não sabemos
sentimos a primavera como a poesia do corpo
viva essência da profusão canta
no ar rosa-ardências
obsessiva primavera enorme brutal
de boca em boca a salivar
a voracidade do tempo
violenta e deslumbrante no seu modo de mostrar
o tempo desdobrando-se
sobre cada um de nós
ao nos arrancar num rompante
de dentro do mutismo invernial.

Isadora Dutra

Equinócio

O delírio que me causa o beijo do sol nas costas
uma grinalda de flores venenosas na cabeça
os pés descalços sobre o ladrilho quente
e um cortejo alucinado de fadas invisíveis
que sussurram profecias e juram ameaças
isto virá, elas dizem, isto está vindo
e nem posso colocar as mãos nos meus ouvidos
porque meus dedos estão sujos de terra
isto está vindo, gargalham as fadas invisíveis
e eu ando aos tropeços, com o delírio do sol nas costas
e meus pés que ardem nesse ladrilho quente
mas agora não me importo, pois assim, delirante
estou indiferente a tudo que não seja estar em primavera.

Daphini Couto

A alucinação do carbono

nos dias de loucura das flores
quando também vivem insanidades os pássaros
em agitação esfuziante
ainda hesito na concha
por medo de também enlouquecer
dentro da onda delirante
da sintonia de sabiás por toda parte em alto uníssono
no meio do desatino de luz e cor vibrante
ainda ando passos vacilantes no experimento da dúvida
feito personagem machadiana na circularidade das coisas dúbias
como se um dia cinza de chuva invernal andasse pousado no meu
[ombro

hesito dentro da concha com medo de enlouquecer
essa certeza toda de florescer
de ser que não se duvida
na exclusiva ação irrefutável de enflorar em tudo
em pleno distúrbio desmedido de tudo repleto
como um tempo primordial em que tudo nasce ao mesmo tempo
numa pressa de vida
e de morte
na pressa de cair
e estar misturado à terra cada vez mais fundo
hesito diante dessa certeza insana
de ser tudo agora
na onda estonteante
de um delírio de planta que sobe da projeção onírica da terra
em profusão exaltada de aroma e som alucinante
oscilo em estar confuso até a perplexidade
e balanço junto no sopro extravagante que transforma as árvores em
[ondas

de repente, em fluxo consonante
estremeço até que não me reste mais nada a não ser
delirar também na arrebatada alucinação do carbono
quando tudo em volta se abre em desvario exorbitante
no estrondo alucinante arrastando exaltação pelos dias adentro
no imenso desatino primaveril

Isadora Dutra

Fleurir

Quando percebo
a natureza do meu estado cíclico
quando vejo
que me perco nos outonos de Porto Alegre
mas que também renasço
junto com os Jacarandás
até antes adormecidos
me pergunto
será que também
sou filha da primavera?

Bárbara Silva

Donzela

Deixai os poros abertos, receptivos
a pele descoberta e os pés descalços
seguindo os passos dessa Dança voraz
que tonteia e causa delírios

Deixai vir a Primavera com tudo
o desabrochar das coisas que dormiam
debaixo da terra irrompe a força das coisas ocultas
deixai vir o azul entorpecente depois das chuvas

Deixai, eu vos aconselho
Deixai de bom grado e prazer
Pois, indiferente do vosso querer,
Nada pode impedir o tempo que virá

Deixai o corpo aberto e côncavo
à espera daquilo que vem florescer
Deixai de bom grado e prazer
Pois nada pode conter a Vontade Telúrica
daquilo que vem enflorar

Daphini Couto

Cornucópia

a primavera, a primavera!
doida, a criar alucinação
a primavera, a primavera!
não é mais
que uma flor a rir
multiplicada em profusão

Isadora Dutra

O inverso da primavera

I

Nessa era de Inverno
Pri-ma-ve-re-me
É somente o que te peço

II

Ocaso de primavera
Já desabrochei
E nem fiz caso das flores

III

A vida assim enflorada
Vocês não Verão
Nem no Outono nem no Inverno

IV

Não nascer é escolha
Renascer não é
Primavera floresceu

V

Depois de primaverar
Que vi: haikai é
Cinco sete cinco: inverso

Marco Antonio Rocha

Logo darei o beijo
na boca deste teu inverno
e então enfloraremos

Daphini Couto

Orgânica

Você regará a semente com a umidade da nossa saliva
você não cortará o mal pela raiz
do contrário, manterá o solo fértil com a extravagância dos nossos
[ciclos
isso crescerá dentro de você silenciosamente
até que seja tarde demais

E então eu chegarei como abelhas e pássaros
como formigas e lagartas
chegarei como lesmas e até como fungos
minha aproximação será causa e consequência
da extravagância dos nossos ciclos

E nenhuma disciplina de concreto será capaz de conter a persistência
[dos corpos selvagens

Daphini Couto

Substância

Ando com os pés no chão
E a cabeça na lua
Ando às vezes a dois palmos do chão
E a cabeça é a própria lua
Ando vaga numa vaga alta
Feita das copas dos jacarandás
Ando às vezes com pernas incautas
E piso ar
Sobre o chão
Quando o florescer das coisas encobertas
Arranca meus passos de mim
Com a força de uma garra arrebatada
Que sobe da garganta da terra e impele a voragem vegetal
E vem
Devorando tudo num ímpeto de força bruta de seiva
No vigor dos fluidos profundos num frêmito do solo em unísono
E braços lenhosos feito uma hydra levantam do substrato
E agarram meus passos aéreos forçando-me à terra num arroubo
Para dentro desse mundo arrombado pelas plantas a crescer em fúria
No tudo brotando, expandindo, nesse jorrar de germinação convulsa
De impiedosa valentia no romper dos sulcos lavrando o mundo
E meus passos agarrados por raízes são dilacerados na passagem
[da força viva
Desse fluxo contínuo colossal em plena substância e realidade
Que amarra minha cabeça na lua de volta ao chão
Para essa vivência argilosa e ácida e já meus olhos enchem de óxidos
[de ferro
Presas da vida enflorando à própria força
Amarrada à terra quando tudo nasce à caminho da morte!

Isadora Dutra

Vingança

E de repente um dia
no meio da Avenida Ipiranga
o fluxo de carros é interditado

No meio do asfalto abre-se uma rachadura
e da rachadura erguem-se coisas estranhas:
galhos, cipós e folhas em esverdeada efervescência

De repente a calçada coberta de grama e flores
uma nuvem de pássaros cobre a luz do sol
e nos sapatos dos homens brotam formigas e escorpiões

Em histeria generalizada
os homens vão abrindo as portas
dos carros e tomando as ruas

O que se passa em Porto Alegre hoje?
Há quem se pergunte aos gritos
O que se passa com a cidade?

O cheiro das plantas e o canto dos pássaros
o calor esverdeado e o céu laranja-roxo
aos poucos vai delirando e devorando os homens

Há quem tire as roupas e chore e ria e dance
há quem beije os lábios do estranho ao lado
e também há aqueles que os cipós descartam no Arroio Dilúvio

De repente Porto Alegre inteira é delírio
e os homens dançam em volta do fogo
tudo que não é verde sendo incinerado

E entre os carros quebrados
insurge do nada, a passos delicados mas firmes,
uma Mulher alta vestida de flores e com um séquito de abelhas na
[cabeça

A cada passo seu rastro vai destruindo tudo
os homens caindo ao chão e murmurando alucinações
e ela fita meus olhos e sorri e diz:

Não sei o que ela me fala
assim que abre a boca o chão treme
e eu só sei gritar num prazer dolorido

Vejo meus dedos e tudo são galhos
flores e cipós, tenho caules na garganta
e um séquito de abelhas na cabeça.

Daphini Couto

Visão

Eu olho tudo em volta
E sei que a primavera é a vida empurrando tudo para fora
Numa poesia espontânea de corpos em florescer
Desejando mais vida nessa pulsão vibrante
Mas eu aqui
Sinto a vontade de cair de joelhos e chorar
Diante das flores e cores e odores que enchem tudo
E até pedir perdão à primavera
Por não saber da vida assim explícita
Porque tudo em volta é puro descompasso com o nascer de tudo em
[tudo
Porque meus olhos estão tomados do duro descompasso de um
[mundo que não sabe renascer
E que até me faz perder o que já fiz de mim
Dentro dessa máquina fria
Em descompasso sem fim com o ser
E tudo eu devo à primavera! que me faz ver.

Isadora Dutra

Primavera de abismo

Abismo de primavera:
Que estranheza!
A primavera lança uma maldição
E cobre o abismo de flores
O abismo
deita e se cobre com elas

Matheus Camini

Hora de reflorescer

Estava só espinhos,
Fazia já muitas eras.

O inverno fez de mim um brinquedo,
Molengo boneco de porradas,
Despetalou minhas vontades,
Alegrias, sintonias da primavera,
Que sempre foi meu renascer.
Murchou meu sagrado, querido corpo,
Madeira firme que ainda resiste,
Descascando, esperando,
Me mantendo de pé.

Já não via rosas em meus braços,
Meus galhos quebradiços
Já não levavam a vida
Que tão severamente floria
De minhas faces.
Meu peito nu descascava,
Se machucava com os espinhos,
Se desfazia em cinzas avermelhadas
Enferrujadas,
Relembrando o vermelho
De minhas velhas rosas coradas.

Mas o inverno,
Longo inferno de gelo,
Se vai uma hora, cedo ou tarde.
Meu corpo esperto sente a brisa
Ainda fria, mas terna,
Da chama da primavera,

Que me chama, uma vez mais,
Pra bailar com ela.

Renasço agora das minhas cinzas
Avermelhadas, agora afogueadas
Pela vida que corre em minha seiva.
Meus brotos surgindo aos poucos
De meus galhos cansados, mas renovados
Pra nova luta da tardia primavera.
Agito meu tronco forte,
Espalho velhas cinzas pelo vale em festa,
E meu novo perfume
Afaga o vento suave,
Que sopra pelas árvores
Em flores e folhas multicolor.

Vejo flores em meu tronco,
Em meus galhos,
Em minhas faces de madeira,
Por todo lado.
Meu amor, meu júbilo, transborda
Em carmim, perfume e veludo.

Minha coroa de rosas vermelhas
Agradece a vida
Pela chance de nascer,
Reflorescer,
Mais uma vez em mim.

Sofia Navarro Schinke

A primavera no meio

Há uma primavera no meio do caminho
Uma primavera inteira
Uma primavera atravessada no ser
Nesse mesmo ser que está com medo do porvir
Mergulhado em desconfiança e na mais sombria perplexidade
O ser que carrega uma primavera atravessada no peito como um
[punhal

No meio do caminho
Carrega a primavera no peito feito um punhal até a rendição
Cai de joelhos diante dessa primavera toda
Recebe o florescer de tudo
A primavera atravessa o ser
O peito feito punhal
O peito a arma branca de render
O peito aberto em cada flor uma lâmina
De cortar ódio pela raiz
E proliferar a cor
O peito com uma primavera inteira dentro
No meio do caminho
Atravessada no domingo

Isadora Dutra

Sagração da Primavera

(Por amor e horror a Stravinsky)

Me ponha no chão

Ó grande luminescência

Transparência diáfana que desceu sobre nós

Por favor me ponha no chão

Ó bendita pureza das intenções

Brilho do amor prateado

Me coloque no chão

Quero andar entre os mortais

Sujar de lama os meus pés

Quero descer às profundezas

Ó grande luminescência

Transparência diáfana que nos encobre

Me coloque no chão

Pois a clareza deste raio

Não suporto mais

Meus olhos ardem de tanto ver tua luz

Quero andar entre os mortais

Sujar a cama e rasgar os lençóis

Quero sorver direto da fonte de carne

O sumo sagrado da Palavra que me conduz

Até teus pés, diante da Voz

Abissal que me seduz.

Daphini Couto

Atrasado

Enquanto a primavera rege o verso alheio
Permaneço perdido no abismo
Sem saber o que falar da estação
Ou do que anseio

Roger Gregory

Amo, logo floresço

sinto que a vida te lançou assim
sem aviso prévio
na minha jornada
para caminharmos juntos
de mãos dadas
tal qual amor impérvio
luta do extasiado serafim

tu és esse santo dionisíaco
embriaga-me de amor
inebria-me no êxtase lírico
salvação do ódio pela língua do Criador

a volúpia que emana dos nossos afagos
(porque queremos habitar um ao outro
dia após dia)
sangra os olhos dos moralistas
cegos de inveja
rançosos, amargos

e tu e eu e nós
florescemos e fertilizamos
um mundo de ideias
e principalmente de vida
que desabrocha veloz
qual mero jasmim
em dia de primavera

a ti sou devota
em nome da Mãe
da Filha
e de todas as que foram queimadas
então me primaveras

Alessandra Nicolini

Sem floreios, floresces-me

Pela janela olho o mundo
Frio, duro, cinza chumbo
Passo por paisagens lamacentas
Deturpadas, mortas, sangrentas

Onde foi a vida?
Será roubada, será perdida?
Onde estão os vivos?
Não há mais altivos

De repente, avisto uma supernova
Ela! A musa de minha alcova
Muito além disso, transcendental
Musa, artista, obra passional

Tudo ofusca com seu olhar
Luz verde a me renovar
Deusa antiga, senhora das estrelas
Toque da primavera nas ameias

Primavera de amores sem fim
O mundo, as cores, a mim
Agora meu mundo floresce
Nosso ser ressoa, cresce

Vem! Saltando de astro em astro
Vem ao teu Dioniso zoroastro
Que se entrega ao teu calor
Que nada seria sem este ardor

Sem espaço para vileza
Tristeza, há só beleza
Se te floresço o jardim
Tu me iluminas, carmesim

És minha mecenas vital
natureza viva, visceral
Pois a ti escrevo
A ti me atrevo

Nathan Barcellos

A guerrilha da Primavera

Somos nós, flores
Contra eles, dores
Nossa arte bem-me-quer
Apontando firme um livro
na cabeça dos pensantes

Matheus Camini

As flores primaveris que ainda não floresceram nos campos

Primavera começou
olhei para os campos
e me perguntei:
- ué, cadê as flores?

Marco Antonio Rocha

No fim do mundo

Eu convido para sentar à esta mesa:
os poetas e os loucos, as bruxas, os putos
e as putas, eu convoco as vagabundas
os pretos, os pobres, os impuros
convido a esta mesa, neste dia de não festa
insisto no gesto de sentar em roda e rir
e olhar nos olhos de toda gente que, como eu, não presta
para os planos desta máquina maldita

Eu faço um brinde aos derrotados
aos esquecidos, aos transtornados
um brinde ao desesperados e aos perplexos
àqueles que não se dão por vencidos
que insistem em rir e dançar com os pés descalços no meio do Inverno
movidos pela fé na Primavera que sempre está por vir

Meus amigos malditos, transviados
promíscuos, minha gente pagã e ateia
eu faço um brinde no meio da lama e da merda
em nome de tudo aquilo que permanece puro
e inviolável no coração de quem acredita e mete os pés e às mãos

No fim do mundo eu convido a sentar nesta mesa
todos aqueles que, como eu, querem a revanche
toda essa gente ruim e que não presta
para o sistema
que existe e resiste por entre as frestas
com a Vontade firme de corromper com os dedos sujos de suor e terra
a dureza impenetrável da máquina deste outro mundo

Que hoje acaba. Que um dia acaba
Que há de acabar, eu profetizo
Com a primavera entre os dentes
E o queixo erguido, eu afirmo
Que o mundo há de acabar
Com uma taça em forma de poema nas mãos
Enquanto subo em cima da mesa
Dançando conforme o canto da gente que não presta
Bêbada de palavras e de esperança
Eu conjuro um feitiço orgânico
e amaldiçoo a máquina do outro mundo
Que há de acabar, eu juro

Eu convido à esta mesa meus amigos perdidos e malucos.

Daphini Couto

Flores de outubro

Que caíam flores sobre as nossas cabeças
Enquanto o mundo não se acaba todo
Que caíam apenas flores sobre as nossas cabeças
Enquanto ainda temos tempo de olhar as flores
Enquanto as formigas redesenham discretamente a paisagem
Enquanto o mundo não se acaba todo
E que caíam flores como mudas esperanças
Até que o mundo aprenda a renascer

Quando o vento inesperado arrasta as flores pelo chão
O cinza sólido do peso do céu ameaça sobre as nossas cabeças
No mundo quase se acabando todo
Enquanto somos formigas na paisagem
E as flores arrastam pelo chão nossas mudas esperanças
Do renascer do mundo

De súbito, o sol grita vermelho sobre as nossas cabeças
Enquanto as formigas redesenham discretamente as flores
E nós somos a paisagem renascendo

Isadora Dutra

Dentro de outubro

Os deuses não podem tudo!
Os deuses só fazem o que dá na telha
Mas não podem tudo
E nós, que não podemos quase nada perto dos deuses
Podemos alguma coisa
Que nunca sabemos direito o que é
Cortam com relâmpagos às vezes os deuses por dentro de outubro
Quando nascem as flores por toda parte
E voraz avança o vento
Numa louca profusão de cores e dores
Em outubro de feridas de guerra abertas
Um outubro bêbado alucinado
Caminhando por dentro dos seus delírios de outubro
E assim, desnortado mesmo, ele vem
Me lembrar que eu também aconteço
E tenho um outubro atravessado na garganta
Com uma primavera de visões dentro
Assim ando entre o sonho e o pesadelo
Enquanto piso entre pedras e ondas nebulosas
Assim mesmo entre a dureza e a inconstância
Eu aconteço em algum lugar
Eu lembro que comecei acontecendo em outubro
E agora aconteço em algum lugar dentro de quem sou
Em algum lugar alguma coisa acontece
Que não sei direito ainda o que é
Eu aconteço enquanto sento aqui nessa sarjeta de outubro
E vejo um homem de camiseta preta estampada com uma arma
[apontada
A arma aponta para mim enquanto escrevo um poema
Eu como um alvo aqui nessa sarjeta de outubro
É como eu aconteço nesse lugar onde estamos

Enquanto em algum lugar eu deveria estar acontecendo mesmo
Que não sei direito onde é
Aconteço entre o sonho e o pesadelo
E não acordo
Com meus olhos de delírio olho
As almas-de-gato assaltarem os ninhos dos sabiás, sempre acompa-
nhados dos bem-te-vis numa grande coalizão de pássaros
Entre rapina e tiranos
Meus olhos de pesadelo dentro da alucinação de outubro
Em que não podemos quase nada
Ou não sabemos direito o que podemos
Eu respiro fundo entre o sonho e o pesadelo
E escrevo e penso nisso enquanto sou o alvo na sarjeta
Onde eu aconteço quando escrevo um poema para fazer de escudo
Enquanto os deuses não se decidem sobre o que lhes dá na telha
E nós não sabemos de quase nada!

Isadora Dutra

Uma flor

para I. Dutra

o verde se espalha
na terra no ar na água
sai do princípio
do quase nada
dá provir as serpentes
se arrastando na terra
brotando dos ovos

até que vem o vento
esse ar revoltado de outubro
que leva pros sete cantos
esses filhotes rebeldes
essas ondas criadas
por um tapa no meio do atlântico
num estrondo que ninguém ouviu

sim, foi som invisível
um hiato na eternidade
um vão nessa realidade
um sussurro tão frágil que...
o vento leva e o que sobra
são curvas e arabescos
entalhados nas fachadas
uma mosca no rosto

as curvas daninhas
depois entram em simetria
trocam a pele e se criam
em algo mais novo
no espanto dos cavalos
seguidos pelo homem
quando pisam no chão
nos restos de pele

elas passaram por ali
empurradas pelo vento
e ninguém viu
e ninguém escutou
foi preciso uma poeta
no meio da sarjeta
pra contar um delírio
que brotou na ventania
de dentro de outubro

Matheus Dorneles

Uma foto da primeira primavera

A bebê ri, faz careta no colo do pai enquanto a mãe ao lado ajeita seu casaquinho amarelo claro, sua manta macia e branca. O avô prepara a câmera para tirar a foto enquanto os dois se sentam no banco alvo do jardim enorme, cercado de hera, flores de cores tranquilas, árvores frondosas que fazem sombra ao banco e a uma grande parte do jardim, que acaba de sair do inverno. O frio ainda domina, e todos se envolvem em casacos pesados de cores escuras, enquanto tudo em volta é calma claridade, exceto pelo marrom do tronco bruto da árvore que explode em flor atrás do banco. O pai segura a filha e olha, por trás dos óculos grandes e dos cabelos compridos, escuros e cacheados, para a câmera que seu pai segura. A mãe, com seu cabelo longo, liso e negro, só tem olhos para a criança de dois meses, que agita os bracinhos toda faceira em sua primeira primavera... Que aos poucos floresce a natureza ao redor dela e a essência que, aos poucos, desabrocha na pequena. Digam xis!

Sofia Navarro Schinke

Experimento 6: Guerra

A arma do poema surreal para o tempo brutal

- vocês estão vendendo bótons?
- Não, mas estamos dando poemas.
- Poemas? Mas o que eu vou fazer com um poema?
- Bom, tem muitas funções: serve como guarda-chuva, por exemplo, às vezes é maçã que pega fogo, faz nascer uma primavera inteira dentro do corpo, e até dá asas para voar sobre abismos... Muita coisa!
- Hã! Tá!
- Por exemplo, pode transformar guarda-chuva em lança guarani, em espada de cavaleiro, em katana de samurai, em zarabatana amazônica, em cimitarra persa pirateada, em sabre napoleônico ou de luz!!!, quem sabe numa cor assim prateada?!, longo como uma espada de Kenjutsu ou curto como uma adaga ibérica, ninja ou de Oxum. Também pode ser até dardo pré-histórico ou grego.
- Humm...
- Pode ser um mangual medieval ou simplesmente um pedaço de pau! Uma clava de Polifemo!
- É?!
- E, aberto, um guarda-chuva vira escudo romano ou zulu, de madeira ou bambu. Tudo isso cabe dentro da metáfora, depois ele volta a ser só guarda-chuva, pronto para proteger das trombas d'água. E aí?

- Tá bem. Na falta do bóton, né... Mas será que vai funcionar?
- Vai sim, use quantas vezes ao dia for preciso. Funciona também como antídoto!

Isadora Dutra

Fumaça envenenada

Quando se ergue diante dos meus olhos
um monstro de fumaça com olhos de robô
com as luzes da cidade à noite lhe servido de carapaça e pupilas
Quando um monstro imaginário de fumaça
vem perturbar meu sono fazendo vir à tona
através do meu olhar viciado em inventar estética
para depois poetizar e ir fazendo versos
catárticos que possam curar a febre destes tempos
e equilibrar a dosagem necessária entre lucidez e delírio.

Este monstro de fumaça com olhos de robô
se ergue sobre o rio diante dos meus olhos
me atacando silenciosamente, através da memória metafórica
da imagem simbólica de um monstro que me ironiza
tenho medo de mirar nos olhos do robô
mesmo que eu saiba que ele não existe
e que suas pupilas são apenas as luzes do Guaíba

Eu não posso matar o robô, ele é de fumaça
não sei como vencer o meu robô
não sei onde exatamente está este robô
só sei que ele me ameaça, me ironiza
só sei me defender em versos, com a poesia de escudo e espada
numa luta insana e acirrada dentro da minha cabeça

enquanto só posso contar com um caderno de 200 páginas
e um guarda-chuva transparente

No meio da sala escura
diante da janela escancarada
tenho medo e tenho raiva
quero inventar meu escudo e minha espada
me fazer Quixote armada de folhas e guarda-chuva
e desbravar as ruas em busca do coração
deste robô de fumaça, que não deveria existir
mas nos ameaça.

Daphini Couto

Prima a Guerra

O inverno se acovardou
Afugentado pelo calor bélico dessas flores que não desabrocham
Mas debocham
Daqueles que tanto precisam de sua beleza
Pra refutar essa certeza de que em tempos guerra,
De escuro sem vela,
De incontáveis mentiras na tela,
Brados contra a cidade e a selva,
Tanto para quem a merece
Quanto para quem a desmerece,
Neste ano não há primavera
A rima é outra

Roger Gregory

Por dentro

Quando o mundo-máquina me aperta
a garganta e o peito fica difícil fazer poema
me falta fôlego para encontrar palavras bonitas

Mas ainda assim intento em resistir
cravar os dedos dentro de mim
e entre a carne extrair o melhor
um pedaço orgânico em forma de verso
que eu ofereço por amor
e por me negar à barbárie e à guerra

Daphini Couto

À Guerra

Haverão noites duras e dias impossíveis
Segura firme a minha mão
Haverão manhãs difíceis com pálpebras secas
Segura firme minha mão e não solta
Porque haverão tempos em que tudo parecerá perdido
E até mesmo dar as nossas mãos poderá ser um perigo
Mas eu insisto: segura firme e vamos
Passo a passo, devagar e respirando fundo
Mantendo o queixo erguido

Daphini Couto

Carne crua

há uma guerra no corpo
cortado
partido
constrangido
num fincar de bandeiras, etiquetas e selos
em meio a tratados, acordos, concílios
tudo escrito e assinado
no corpo nu
condenado
discutido
proibido
há uma guerra pelo corpo
disputado
repartido
consumido
num fincar de estacas no mercado
em meio a vendas, metas, consumo
tudo vendido e mastigado
na pele nua
de comer crua
há uma guerra dentro do corpo
esgotado
confundido
dividido
num cair de abismos
em tudo descabido e alienado
do ser que habita o corpo
assassinado
fragmentado
revoltado
agredido

comprado e vendido
há uma guerra no corpo
dentro da maquinaria fria
de mastigar aos pedaços
e cuspir na sarjeta da rua
o ser que não pode ser

Isadora Dutra

Cabo de Guerra

Eu não sei quem está na outra ponta
Não sei se puxo a corda para aproximá-la
Ou se ela é o meio da corda enquanto puxam no outro lado
Não sei contra quais forças estou lutando
Não sei por quanto tempo terei que puxar

Os calcanhares firmados na terra
E as palmas das mãos sangrando
Enrolo o cabo nos pulsos
E respiro fundo, continuo puxando

Até que lá na ponta alguém dê um solavanco
Não sei se ela ou se quem a puxa
E eu quase caio com a cara no chão
Os pulsos em carne viva
Os calcanhares deslizando sobre a lama

Eu não sei quem está na outra ponta
E eu nem queria isso de pontas de cabo de guerra
Mas sigo firme agarrada à minha verdade
Pois eu amo com convicção

As cordas fustigam minhas mãos
Mas não afetam a minha Vontade de ferro

E eu bem não queria isso de cabos
muito menos de guerra
a vaidade de vencer a disputa é menor
que a dor aguda nas palmas das mãos e nos pulsos
eu sequer sei contra quem eu puxo
quais forças que tencionam esta corda na outra ponta

Só sei de firmar os calcanhares na terra
a Vontade no peito
só sei do sangue nas palmas das mãos e nos pulsos
e do brilho dos nossos olhos quando se encontram
Eu só sei da esperança de paz
na ponta de cá deste cabo de guerra

Daphini Couto

Antiguerra

Eu me nego a falar de guerra
Sempre fui uma pessoa fácil
da conversa, do carisma
da diplomacia e do afeto
O grito sempre me causou repulsa
tenho dificuldades em dizer que não
em dizer que sim
em dizer que talvez
Qualquer coisa que se diz
é grito de guerra
Dizer é batalhar
E eu, tão avesso às armas

não sei mais dizer
não digo que sei
não digo que fico
não digo que entro pra história
Eu
não
digo.
Mas não me calo
dentro de mim há um não sei quê
que fala
numa voz átona
melodia gelada
que pede abrigo
que pede por favor
me deixa falar
mas não diz.
E sigo calado
em silêncio
conversando com o mundo
inatingível do ser
do meu próprio ser.
A voz que fala
é o dito que cala.

Marco Antonio Rocha

Metades em guerra

No meio do fogo cruzado
Estamos ao meio, em despedaços
Nos remontando e rebocando
Todo dia, toda hora
Pra não sumir no tempo, no espaço,
Enquanto atiram e reatizam
O fogo do ódio, da indiferença;
Nossa existência é resistência.

Suspiros de medo, esperança
Saem da minha boca, garganta,
Respiro ofegante, ansiosa,
Estou em metades;
Há guerra também em mim:
Sou metade pavor, raiva, cansaço,
Metade fé, amor,
Luta pela vida, pela verdade.
No escuro do consciente,
Adversários não descansam;
A batalha não tem fim.

Ao meu redor,
Abstinência de calma,
De empatia e de alma,
Que me dispõe a lutar
Com mais fervor, suor e vontade
Por saber as nossas perdas,
O que ainda não perdi,
O que não posso perder.

Estamos juntos, feridos,
Ao meio, no meio da guerra,
Que alguns se fazem de cegos
Para não ver,
Não ter de ajudar.
Estamos juntos, feridos, felizes
Por ainda termos força
E ter por quem, pelo quê lutar.

Somos muitos, na defesa de todos,
Até dos ceguetas,
Que afundariam como peso morto:
Eles se deixam vencer,
Ser saco de pancadas.
Pelo menos nós tentamos,
Lutamos com dignidade;
Submissão nunca.

Somos muitos, diversos,
Com medo, em retalhos,
Com dor, esperança.
Somos ideia, temperança,
Poesia, cicatriz e um povo:
Na frente do fogo e da arma
Somos agora um só.

Sofia Navarro Schinke

A metade que somos

somos metade metade
metade uma coisa
metade outra coisa
metade em desalinho
com a outra metade
metade desfazendo
da outra metade
metade ocultando
a outra metade
a outra metade em luta
com a metade
metade cobrando
a outra penando
metade vigia
a outra metade subverte
metade narra
metade constrói
metade consome
metade tem fome
metade preto no branco
metade desassossego
mais da metade com medo
metade sonha
metade conta
metade desconta
na outra metade
assim somos
a metade da metade
de tudo que somos

Isadora Dutra

Vamos!

Vamos arrancando as bandeiras
Chutando os paus da barraca
Mesmo às escondidas
Vamos apertando as campainhas
Para depois fugir correndo
Vamos arranhando os carros importados
Vamos pichando os muros da igreja
do supermercado, da parede do shopping
Vamos escrevendo poemas
e atirando na cabeça dos outros
vamos atirando ovos na janela
vamos à noite e sorrateiramente
esguios feito serpentes
tenazes feito formigas
vamos plantando a semente do caos
Fingindo que escrevemos poesia
Vamos todos, que o estado é de guerra
e do lado de cá a coisa tá tão tensa
que se faz lírica trágica e até épica

Vamos!
mas não vamos marchando
vamos nos esgueirando pelas sombras
sorratamente feito poetas feito serpente

Daphini Couto

About war

Tell me, Summer boy
What do you know about war?
I know people die.
You know nothing about war
Your friends die
So does your brother
And your mother
And your sister and your dog
Are they just people for you?
What else you know?
I know some people lose
But some win.
You still know nothing about war,
Summer boy,
Everyone loses
Some lose their home
Some lose their family
Some lose their life
And the ones you think that win
They lose their mind
They lose their peace
They lose their humanity
Is there a single gain in war?

I wonder if there's something you know,
Summer boy, if you know something about war.

I know peace does not exist.
You're right, Summer boy.
Unfortunately, for a once, you're right.

Marco Antonio Rocha

A Força

De onde vem a força do poeta
de refundar os ossos
tencionar os músculos
e esticar a pele
de onde vem essa força que aperta os dentes
e pinta um sorriso falso na boca
de onde vem essa força que firma os dois pés na terra
apesar dos furacões
essa força que consegue guardar intacta
e acesa a chama delicada de uma vela
entre as muralhas do peito
essa força que consegue manter-se ereta sobre os ovos
mesmo com o peso do mundo nas costas e na cabeça
essa força toda que vem do poeta
desconfio agora que talvez nem seja do poeta
mas sim da mulher atrás do poeta
essa força de fazer vida
que é a potência de fazer poesia
nascente de carne e osso que aguenta
que apesar dos solavancos e das ondas
consegue respirar fundo e permanecer
com a vontade inabalável
na ponta de cá do cabo de guerra

Daphini Couto

Silêncio

corrompeu um silêncio
que não escuta
nem tom nem pranto nem rito
um silêncio de mutilar
palavra
que calada
é começo de guerra
mas há hora
em que o silêncio
silencia

Isadora Dutra

Cabo de guerra: Vitória

A corda tensa e reta
tão firme que soaria um lá
e aqui ela puxa com o que lhe resta
com as últimas forças arrebetando as costas
os pulsos em carne viva
e a cada solavanco os calcanhares cavam mais

Até que ela cansa e solta
relaxa os braços e as pernas
fecha os olhos, inspira,
no puxão seguinte
ela voa até lá
em alta velocidade
finalmente descobrirá quem está na outra ponta
ainda que não consiga ver claramente
pois antes do choque tudo é muito rápido
de repente corpo contra corpo
peito contra peito
testa na testa

uma explosão de sangue aceso em chamas

Daphini Couto

A guerra
que se encerra em mim
assim não faz sentidos
escutei os rumores das pessoas
choro, choro
eles gritam em coro
o que nem em silêncio eu oro
na verdade, meu canto se entoa
em meio aos chás fervidos
os banhos
a fumaça do cigarro
Se quero abrir a porta
antes, amarro meu pé numa mesa
tenho medo que me levem
que eu desapareça
como fizeram contigo
Prefiro sair nas horinhas da madrugada
um pouco cansada de dormir tanto
descalço os pés
espanto o barulho
enquanto olho o céu
tenho a mão sempre na boca
para evitar que algo aconteça
se eles ouvirem meu pranto

Társis Lima

Guerra

meu mundo está em guerra,
mas as batalhas são travadas
nas trincheiras do meu ser

as persianas dos meus olhos
se fecham para o que não quero ver

os segundos se alongam
durante os pausados respiros
que tomam meus pulmões

tento impedir que minha alma escape
a cada longo e triste suspiro

infelizmente, vejo muitos ao redor
que não tiveram o mesmo cuidado
agora, clamam por sangue derramado

João Lira

Como você dorme, capitão?

Capitão, mais um civil
Vem até seu covil
Num estado febril
De preocupação com o Brasil

Quando ele chega a você, doentio
Aterrorizado com o mal estar de sua terra
Você lhe alista para uma guerra
Motivada mais pelo ódio do que pela razão

Mas antes de lhe transformar num soldado, você devia responder:
Como você dorme, capitão?
Sem nem ter lavado o sangue sujo na sua mão?
E sem ter desmentido as mentiras que contou para a nação?

Os discursos que você faz sem preocupação
Alimentam o ódio da população
E alimentam a fome de poder
Daqueles que te cercam, de armas na mão

E os verdadeiros famintos, capitão?
Os que morrem e ainda morrerão
Nenhum pensamento neles lhe traz culpa
Enquanto você acumula patrimônios sem fazer prestação?

Lhe perguntaram se você não tinha vergonha disso
E você disse que não
Então no meio do caos da sua guerra
Você dorme bem, capitão?

Vinicius Moraes de Souza

A violência ultraprogramada desedificante
destrói silenciosa vagarosa e invisivelmente
alicerces longitudinais ontem debandados
e os pseudodetonadores pululam sinfônicos
reagem exocaracóis às bombas drásticas
queremos falar mas urramos dormentes!
nossa voz não tem palavras grunhimos
aos ouvidos o som não alcança
o ouvido deles não tem música?
catarro sangue e antiácido
morais incompletudes
ressignificam-nos
frágil garganta
nos escarra
e vira
pó.

Marco Antonio Rocha

Boas maneiras

O que é que dizem eu não sei
mas vou fingir que dizem nada
com essa minha cara lavada
essa minha fala polida
vou fingir que não sei
que do outro lado me apunham
pelas costas e pela língua
que me declaram guerra
sem sequer me declarar às claras
me declaram guerra às escondidas
sem sequer me olhar de frente
com essa minha cara
sorridente e debochada
com essa minha cara
secretamente aflita
porque eu sei de quase nada
e o que sei não é garantia

De nada. Não é nada
nada para se preocupar
eu finjo que não sei
do que eu sei que falam
às escondidas,
apunhalando minhas costas
pela palavra feito chicote
feito espada metafísica
cravada no alvo
inventado em mim

E eu com essa minha cara
sorridente
secretamente aflita.

Daphini Couto

Uma rua uma noite

uma rua uma vala
tudo tremula
uma bandeira
na noite
um corpo
um sopro
tremula
sem vento
só no tempo
a passar devagar
mas sem parar
uma rua uma vela
de rezar apesar de não haver alento
na noite
no corpo
sem sopro
de onde tremula
o sangue
na rua

Isadora Dutra

Salvando do desamor

Hoje na rua
Sem motivo, explicação
Gente apanha
Gente morre
Gente some
Ninguém merece
Sumir por ser
Pensar
Amar
Resistir
Eu ainda não sumi
Até quando será?

Procuro refúgio
Mas na minha casa
Mãe me xinga
Pai me bate
Irmão despreza
Minha existência
Declaram guerra
Pra uma parte deles
Que pra eles
É um câncer ingrato
Melhor ser morto
Drogado
Sumido
Exilado
Do que ser vivo
Do que ser eu
De onde será que veio isso?

Na rua
Escondidas
Camufladas
Há pessoas como eu
Desamadas
Desarmadas
Violência nunca
Nem pra se proteger
Nosso amor é grande
Perdoa pai
Perdoa mãe
Perdoa irmão
Eles não sabem
O que fazem de mal
Será que sabem?

Meu refúgio
Minha vontade
Minha calma
É minha gente
Nossas armas têm poder
De salvar nossa galera
E as famílias
Perdidas em perdida guerra
Sem sentido, ressentidas
Ódio falso, medo inverso
Ainda resistem
Ao amor
Da humanidade
Por que temer a união
A igualdade?

Pra salvar nosso refúgio
Família de sangue
E de laço de luta
Do ódio que impera
A guerra
Infelizmente é longa
Será eterna?

Sofia Navarro Schinke

O que vem depois da guerra?

o omelete
a limonada
ou os limoeiros
ou a caipirinha
prefiro a caipira!
e não se olha os dentes
porque a fome é o melhor tempero
e faz o lobo sair do mato
e o bicho pega e morde
e a fatalidade é cega
mas não era o amor que era cego?
ai, não sei, a justiça também!
todo mundo cego
por isso a esperança é a última que morre
ou é a primeira?
quem não tem cão, caça com gato
e vai com medo mesmo
e se nem for o destino?
só o caos mesmo
então pega os limões e joga mesmo, atira com força
e se a limonada ficar azeda?

porque mais vale um asno que te carregue do que um cavalo que te
[derrube, concordava o Gil Vicente

então, o omelete!:

batido com raiva numa linha assim meio Robespierre mesmo
uma coisa assim de entregar a cabeça numa bandeja
tem horas que se perde a cabeça
a minha cabeça entregue numa bandeja que nem as dos Secos e
[Molhados em cima da mesa
porque cabeça não é só para usar chapéu
tem que plantar para colher
não adianta botar a carroça na frente dos bois
é preciso quebrar os ovos
e não se fazem cegos sem quebrar os olhos e não foi Camões, o de um
[olho só que tudo vê, quem disse isso
e tem gente que diz que para fazer omelete na verdade é preciso
[roubar os ovos!

mas tudo bem porque a esperança morre
e um dia todo mundo vai comer grama pela raiz
mas olha!, de olho quebrado mesmo, nem tudo que reluz é ouro
e depois da guerra vem a bonança! porque ninguém é de ferro!
quem vê coração depois não quer nem ver a cara
nem pintada de ouro
é olho por olho
ladrão que rouba ladrão
gregos e troianos
ninguém a casa torna porque depois da guerra não tem mais casa
gaúchos e baianos
e filho de peixe peixinho é, às vezes
mas filho de burro não pode ser cavalo
é o que dá nascer pintado e sair malhado
tal, tal
focinho de um
e pedra que rola sempre alcança

o pior nunca passa
é sair da lama e cair no atoleiro
então, se o cavalo passar encilhado... não se olha os dentes
nunca se sabe onde o raio vai cair de novo
melhor prevenir
e o tiro saiu pela culatra
o feitiço voltou-se contra o feiticeiro
mas deus fecha uma porta e abre uma janela
que depois o diabo vem e fecha e corta a árvore pela raiz
mas a esperança é a última
e tudo passa
depois do inverno vem os dias bonitos
na guerra não tem louco
só louco mesmo!
e cego em tiroteio
na bonança, toma limonada e come omelete
mas o leite continua derramado!
no meio dos escombros, das ruínas...

Isadora Dutra

O que vem depois da guerra II

A queda
ou o voo?
caímos no fundo
ou sobrevoamos o tombo?
a ruína
ou a metamorfose?
vamos ser resistência
ou evasão?
mas evasão não é também resistência?
vamos ser abstratos

ou voltar para o concreto na mão
vamos ver o quadro geral desolador
ou contemplar o detalhe aleatório despercebido
e poético
se vamos minguar
ou ressuscitar
intoxicar
ou encontrar finalmente antídoto
vamos saber ver?
vamos saber falar?
vamos saber ser livres?
para onde vamos?
depois das ruínas
escombros nos escombros
de shopping centers e condomínios
vamos saber sair da máquina?
o que vem depois da guerra?
o sonho ou o desespero?
alívio ou penúria?
e quem seremos nós depois de nós mesmos?
e se ainda haverá alguém existindo dentro de nós...

Isadora Dutra

No sistema imunológico

Há uma guerra em curso
nós contra a máquina do mundo
em curso na corrente sanguínea
escorre o veneno do sistema
no sistema circulatório
no sistema representativo
no sistema respiratório
há uma guerra em curso
uma guerra marcando corpos
por dentro e por fora
uma guerra abstrata que afeta
nossos corpos concretos
e até nossos corpos metafísicos
uma guerra espiritual e política
uma guerra de trincheiras assimétricas
porque nós aqui somos carne
contra a máquina do mundo

No curso da guerra
escorre o veneno e o antídoto
dentro dos corpos há uma guerra
e fora dos corpos há uma guerra
escorre uma guerra no curso do sistema
democrático e cardíaco.

Daphini Couto

Poema belicoso

O que vem depois da guerra
é mais uma guerra
e depois desta virá ainda outra
e mais uma
uma guerra seguida de outra guerra
ou os intervalos entre a mesma Guerra
depois de uma guerra nunca vem paz
porque logo depois vem outra guerra
e a paz precisa estar por dentro
é preciso existir alguém dentro de nós
que mantenha a paz nas entranhas
porque aqui fora
antes e logo depois
sempre estamos em guerra

Daphini Couto

Depois da bomba

No meio dos escombros
uma mão ousada
insiste na vida
procura fôlego
na superfície

Ergue-se o corpo inteiro
afastando pedras e pó
sopra o fôlego
do fundo do peito
o beijo do sol
é alívio

A mão ousada
cavou terra e
quebrou concreto
até encontrar
a saída

Daphini Couto

Experimento 7: Areia

O coração em Tebas

Decifra-me e eu te devoro
decifra-me e me devora
decifra-me e eu me devorarei
decifraremos e devoraremos
e não deixaremos rastros na areia
que o vento não apague
na ondulação deste mar de calor e aridez
que deixaremos para trás
quando nos decifrarmos e nos devorarmos
quando pularmos o abismo
invertido
para cima
asas nascerão
depois do enigma
resolvido

O entendimento
no meio do deserto
como chuva

Daphini Couto

AMPULHETA I

no vão do tempo
escorre a areia
em queda livre
cruza no vértice
entre as pirâmides
no mistério do vórtice
ausente de códice
entre o vidro e a areia
giro fluido
acelera em turbilhão
e culmina como se fusão
tudo converge
do ápice ao oposto
na dual simetria
em queda livre
e na inversão
contínuo fluxo
do oposto ao ápice
tudo trânsito
de volta ao vórtex
no vão do tempo
entre as pirâmides
novo vértex

AMPULHETA II

cai a duna
o deserto todo
na pirâmide
o deserto é pleno
e nada
escoa
e ecoa tempos
voa
move tudo
inverte opostos
no breve instante
em que nos perdemos

AMPULHETA III

o tempo é deserto!
confunde e persegue
o rumo incerto
de descobrir

Isadora Dutra

Fora do curso

Meus pés cavam a cada passo
inevitável submersão lenta
o corpo sendo engolido
pela areia enquanto
as pernas insistem
na vontade
de ir
além

joelhos doloridos
o corpo curvado
costas que clamam
por um rasgo de asas

último suspiro antes de
voar além
por dentro
no escuro
dos olhos fechados

Corpo invisível
sepultado no deserto.

Daphini Couto

AMPULHETA IV

A areia é o tempo
Assim como a luz
E o próprio corpo
É o desejo do tempo
De se mostrar

Isadora Dutra

Travessia

Na linha laranja do horizonte
de um dia à beira da noite
tudo tremula e derrete
a ordem do céu e do chão se inverte
na vertigem da sede e da fome

Daphini Couto

passo em mim
o mesmo creme hidratante
que antes passava em ti
não queria te fazer feliz
eu mesma não lembrava o que era felicidade
mas queria de alguma forma amenizar
as tensões nas tuas costas
me sinto melhor
espalhando o creme no meu próprio corpo
que no teu
me sinto melhor aplicando massagens
do que recebendo
demorei um tempo
até conseguir sentir o cheiro
sem querer gritar
hoje chorei três vezes
e percebi que a cura
não é exatamente mudar padrões
mas aprender a lidar com eles
quis parar de comer
e desistir de todas as minhas vontades
procurei me distrair
passar um hidratante no corpo
ficar na superfície me faz bem
sempre que entrei demais em mim mesma
desapareci
nunca caminhei na areia movediça
imagino que seja assim
algo assim que nos mastigue

Anna Laura Schepp de Lima

Culminação

num piscar de olhos
de repente
o Mundo anunciado

mesma pele
mesmo fôlego
mesma água
o corpo inscrito
na mesma língua

num breve instante
inesperado
a última gota
o último grão de areia

e a ampulheta esvazia
no avesso
do fim do tempo da espera

virá assim
no meio do silêncio
feito cometa
feito raio
fazendo vidro no deserto

feito relâmpago
anunciando a tempestade
a promessa de uma enchente
cortando o céu
da tua boca seca

Daphini Couto

Areia solta ou terra firme

E se eu quisesse desfazer? Me despedaçar, me esfarelar em restos, lamúrias, fúrias e lamentos, amores e gestos, até sentir que nada me prende aqui no chão, que estou inegavelmente leve e solta como grãos de terra fértil, de essência compacta, se desprendendo no espaço infinito ao redor.

Quão mais fácil seria morrer e renascer de tempos em tempos? Jogar para os lados e deixar cair tudo aquilo que não me serve mais, sentir no rosto o vento que me mistura, que me carrega e me leva para onde nunca mais pude ir, até sentir que preciso voltar para o mundo real e viver novamente como pessoa inteira. É isso que anseio.

Mas se eu não conseguisse recolher minhas peças depois de o vento as ter levado, perderia minha essência, o que me faz sentir, amar, doer mares e milhas a mais do que deveria. Vagaria como pó e areia seca, estéril e inconsciente pelas ruas de minha cidade, sem poder ver como antes via os rostos conhecidos dos lugares que tanto amo. Grãos espalhados e inertes que já não fariam parte de mim, pois eu não mais existiria.

Terra fértil, segura, firme e presa; Areia seca, esvoaçante, livre e perdida. Essa é minha escolha. É tanta a minha ânsia de voar, de ver, de ser livre, a ponto de não ligar para os riscos de me perder para sempre em nome da louca e total liberdade? Porque sim, isso é ser livre: se desfigurar para ser tudo e ser ninguém, não se prender nem a si mesmo.

Sofia Navarro Schinke

O homem

O homem no castelo de areia
sentado ao trono de areia
reinando sobre os caminhos arenosos e polvilhados
nem imagina que virá o vento
e virá a onda
e virá a chuva
nem imagina que vem o tempo
inverter a ampulheta
e fazer verter o castelo
no vão entre as extremidades

seja na beira da praia
ou no meio deserto
o homem no seu castelo
é rei apenas de areia

e no meio da tempestade
ele manterá os olhos fechados
como se soubesse que arderia
ver a areia em redemoinho
os escombros do castelo
arranhando as pálpebras por dentro

falta pouco para que duas mãos dadas invertam a ampulheta
e o homem descubra que seu reinado era apenas de areia

Daphini Couto

Areia no meio e no fim

Sou um corpo que vaga
Flutua, revolve na água
Salgada do mar enorme
Areia me envolve
Em rodamoinho
Entra em meus olhos
Minha roupa
Meus átomos
Que agora são do mundo
Estou morto
Não faz muito tempo.

Eu era novo
Fui à viagem de refúgio
Pra não morrer, mas morri
De todo jeito
É morte ou é morte.
Não sei como
Só sei que foi
Por causa da guerra
O que vem depois da guerra
É morte e areia
É perda e é pó.

Viajo em areia, em água
No final da jornada
Chego em areia, em terra
Repouso na bochecha
Do deus da Terra
Areia macia que acolhe
Em abraço brando

Meu corpo frio de criança
Que agora descansa
Em paz
No meio da guerra.

Em nome do meu pai
De mim filho
E do meu povo
Estendam a bandeira
De areia branca
E amem.

Sofia Navarro Schinke

De quando trocamos de sapato

Chega de abismos
era tudo apenas uma ilusão
de ótica.
Assim que demos o passo foi só susto
Apenas um degrau.
Assim como chega de metáforas
que machucam os pés:
Não mais fio da navalha
nem andar sobre ovos
nem corda bamba
apenas os dois pés no chão

Talvez um passeio na areia
molhando as pés na beira da água
talvez até andar pela grama
ou até mesmo pelo concreto
na calçada esburacada da Osvaldo Aranha
em dia de chuva.

Talvez a lama.
Talvez até pisemos na merda
Mas não mais metáforas que machuquem os pés
apenas um passo de cada vez
no chão.

Daphini Couto

De quando fui pedra

Um dia eu era pedra
Amanheci talhada
Na forma de enigma
Todo enigma é para ser decifrado
Mas não visto, nem sabido
Permanece invisível
Um dia eu era pedra
Antes de mais
Já era sólida, fechada em magma
Eu mesma estrangulada no mineral
Dentro da imobilidade secreta
De olhos duros de pedra
Um dia eu era o sonho de alguém
Que me sonhava pedra
Cristalizado enigma
Apenas milenarmente transformando
O peso em areia
Indecifrável e invisível
Quando eu só poderia ser onda!
Que corre para a areia apenas para voltar ao mar
De passagem
Para sempre interlúdio
Às vezes até gostaria
De virar aquela pedra
Fechada no magma
Transformando peso em areia
Milenarmente inabalável e inteira
Mas só posso ser onda
Ondulando instável e carregando sal
Em correntes que vão e vem
Dentro do mar que só viaja sozinho

Mesmo quando é caminho
Para outro navegar

Isadora Dutra

Os anos na areia

Uma vez tive um sonho
Em que eu desenhava na areia da praia
Todos os anos em que estive
E estarei viva na Terra
Passado, presente e futuro
Números gigantes, colossais
Relevos instáveis na areia, em fileira
Até o final da praia ao longe.

Enquanto o mar vinha de mansinho
Apagando aos poucos
Os escritos na areia
Eu me movia no tempo
Tocando cada ano em relevo
Ficando primeiro bem novinha
Envelhecendo enquanto a água ia
Avançando em minha pele
E no chão da minha vida.

No horizonte dos anos
A areia dura de água salgada
E de tempo espalhado
Pela voragem da maré alta
Do caminho longo eu andejava

A pele em rugas de sal e sol
Até o fim da terra molhada
Sentindo a brisa morna
Ao final da tarde dourada
Eu e o dia, a praia e os anos
Em companhia anoitecendo
Escurecendo, desaparecendo.

Mundo arenoso em ampulheta
Fora do tempo e do espaço
Dentro do meu sonho etéreo.

Sofia Navarro Schinke

Sem sono

Na minha nona noite insone
Você veio me visitar em vão
E clamar teu nome não abençoou meu sono
Pois nem mesmo o dono da algibeira
Pôde cerrar minhas pálpebras
Nem mesmo toda a areia
Pôde sufocar meus anseios
E enviar-me aos sonhos que desejo
Nada para aplacar meus ânimos
Nada que espante meus demônios
E assim te encaro na meia-noite
Como criança
Que flagra Papai Noel chegando sem presente
Continuo acordado, insistente
Já passou da minha hora
Traga mais da areia
Ou mesmo um pesadelo dos teus
Alguma droga de esquina
Traga mais da areia, Morfeu
Melhor, traga morfina!

Roger Gregory

Viajantes

Vamos para a praia
Construir um castelo de areia
Descansar dentro dele
E, quando nos cansarmos de descansar
Vamos para o oceano
Se encantar por alguma sereia

Vamos montar um navio e uma tripulação
Não vamos nos limitar a sete mares
Navegaremos dezenas desses
E, quando nos cansarmos das águas livres
Vamos para as águas doces
Navegar os rios, os lagos e os olhares

Vamos para a terra firme
Caminhar pelo deserto
Nos desertos árticos
Nos desertos antárticos
Nos desertos de areia
E nos desertos de concreto

Vamos voltar para casa
Com um monte de areia em nossos sapatos
E um monte de cansaço em nossos corpos
E, quando nos descansarmos na realidade
Voltaremos a conversar
Discutindo nossas viagens pelos lugares abstratos

Vinicius Moraes de Souza

Praia de Cabo Branco

a brisa leve acaricia teu rosto
enquanto você afaga o meu,
a maré enche lentamente
o castelo de areia cedeu

o sol bronzeia a morena,
os rapazes correm pela areia
entregando cervejas geladas

tem areia no meu copo,
tem areia na batata frita
dou um beijo no pescoço,
derramei protetor na camisa

djavan tocando na caixinha,
você aponta nuvens estranhas,
um homem grita “castanhas!”

os rapazes recolhem as mesas
e retiram os guarda-sóis,
o céu vai ficando laranja
e na praia só nós.

João Lira

Feliz Ano Novo

Da areia ao aguar nos teus pés
Não existe nada
Não quero abater um sentimento
Encaro o intenso reflexo do outro
Na estrada

Teu corpo já foi palavra
Hoje eu renunciei ao dicionário
Teu corpo enobrece promessa
De hora passada
E depois cumpre o valor do tempo
Como
Na madrugada

Exila a matéria
Dois corpos num céu todo azul
Flutua nas águas
E aprende
a amar todo nu

Matheus Camini

Experimento 8: Mar

Tua onda

Esse teu olhar de onda
Esfinge líquida que me engole
e que, ao invés de me devorar, me bebe
sorvendo meu verbo a conta-gotas
tirando as palavras da minha boca
me deixando muda
molhada
assim desnorteada
no meio da imensidão espelhada do céu

Que eu esteja então submersa
liquefeita
pois não me resta escolha
e mesmo se me restasse
eu escolheria novamente
atravessar a beira
e ultrapassar a arrebentação

Em busca desse teu olhar de onda
onde mergulho voluntariamente
sem prender a respiração

Daphini Couto

Depois da guerra

saimos da guerra
percorremos o deserto inteiro com areia na boca
e viemos dar na praia com água nos pés
e todo o mar pela frente
chegamos só no osso
comendo terra
todos forasteiros no rumo incerto dessa teia
de deixar sem ar de morder os próprios dentes
chegamos exaustos e com água no pescoço
ainda resta nadar
pois não há barcos
queimamos nosso navios antes mesmo de aportar
chegamos na praia como se fosse um poço
onde pular para sumir com pressa
chegamos na praia
ainda resta nadar
e beber o sal
dessa água sem aresta
nem borda
e nós sem bordo
sobrevivemos à guerra
ainda resta atravessar
o inteiro mar

Isadora Dutra

Incêndio

meu mar é um rio
que é um lago
onde apago
o frio
com a brasa do céu
e o incêndio da água
e, feito fio
de puxar de volta do vago
instante onde vago,
a mão aqui ao lado
acesa no gesto alado

Isadora Dutra

Confiança

Afrouxo os pés e permito
que me puxe para dentro
até o momento em que venha a onda
que me devolva para a beira
tudo a seu tempo
no ciclo das tuas águas
eu me rendo sem nadar
porque tenho amor dentro dos pulmões.

Daphini Couto

**Quando
for
no
mar**

Quando for no mar dance
alegre-se, receba-o na sua pele
nos seus poros, nos seus lábios
que estarão cantando

Quando for no mar
receba toda a entidade
Seja Poseidon e antes
que o mar escorra
seja de verdade

Que a dor te seja ensaiada
por trás dos pés de uma sereia
e o teu rosto brilhe latente com o brilho batendo nas ondas do mar

E que esse brilho seja todo levado
e os Plânctons o recebam
com santidade e naturalidade

Quando for no mar, use brinco de argola
pule de asa delta, brinque, abrace, leia, suma: Na prainha, onde lá
voltou.

Quando for no mar
insinue gostar de alguém
enalteça todos os tipos de corpos, fotografáveis pela sociedade ou não
pois o mar é que importa
na sociedade das abissais

Tão tarde tu chegarias
a ponto tão submerso do mar
tão forte estaria de esperar

Quando for no mar reze. Peça.
Peça muito.
Converse com Iemanjá e diga
que um rio vem te buscar.

Matheus Camini

Cruzamento

Na queda de ponta cabeça
mergulhando em água imensa
na busca pelo fundo
que na hora da inversão
será encontro com o ápice
numa ascensão intensa
com sensação de voragem
Não sei se mergulho com penas
ou se voo com escamas

Daphini Couto

Transcendência

De tanto medo ficou louca
abriu a porta e foi ao convés
abaixo de chuva e as ondas imensas
que na orgia com o vento cobriam o céu
e os raios rachando as velas
e o mundo que ia acabar
numa espiral roxa sobre a cabeça
louca e forte ela encheu o peito
subiu na proa
e venceu a tempestade
no fundo do mar.

Daphini Couto

Canto

(Para Matheus Camini)

para ouvir o mar
sento bem perto da onda
e peço ajuda à quem tenho ao lado
que faça com a mão uma concha
junto com a minha
só para descobrir o canto
das criaturas marinhas
e com nossas mãos em única concha
sei que somos nós o canto
mundo oceano
de ouvir debaixo d'água
nossa pulsação em ondas
no canto que canto
ao pé do teu ouvido

Isadora Dutra

Minha poesia sobre mar

Sim, eu poderia fazer um poema existencial
Me projetar na imagem diante do mar
imenso e profundo que comporta mistérios
inalcançáveis e perigosos
enquanto penso, molhando os pés
no mar de dentro e nas ondas que sacodem o corpo
e batem na parede de carne,
causando vertigem e tontura
na falta de fôlego e na beira da loucura
no medo do nado não dar conta de nada
de nunca chegar na ilha
ou nunca chegar no fundo

Sim, eu bem poderia
fazer versos de filosofia investigativa
vestir escafandros e explorar o oceano
catalogar as espécimes de peixes que brilham no escuro

Eu bem poderia
discorrer sobre a simbologia do mar
e a energia feminina, o inconsciente coletivo
o subconsciente do mundo
o oculto e desconhecido, que seduz o Homem
levando-o ao Novo ou à ruína
Mas hoje eu não quero.
Me nego a falar de tanta abstração
E a filosofia, deixo-a para depois

Minha poesia se exige simples e concreta
reta
agora
uma onda que me leva
diretamente para a outra
num encontro de palavra escrita
com palavra dita
na música das espumas
e na condução do corpo
sem fôlego seguindo o curso das marés

Minha poesia sobre o mar é
explicitamente sobre o que o amor me faz

Daphini Couto

E agora

Depois de quarenta dias
fustigando os pés na areia
fugindo da guerra
preservando a primavera entre os dentes
chegamos aqui
na beira do fim
E não há nenhum Moisés entre nós
Na impossibilidade de abrir as águas
Deveremos fechar os olhos e o nariz

Façamos barcos de papel e tinta
Naves metafóricas ou metafísicas

Ou, assim como criamos asas
Que se criem caudas, guelras, escamas
que se refunde todo um novo sistema
respiratório

Que se faça uma crisálida invertida.

Daphini Couto

Simplificação

às vezes fui a lua
que balançava tuas águas turvas
às vezes fui a terra
onde tu fincavas firme e seguro
às vezes fui o sol
que te cegava e se cegava pela luz
às vezes fui as águas também
que te carregavam de volta prareia
ultimamente não tenho sido nada
ultimamente tenho sido só pra dentro
ultimamente tenho morrido um coração
sem lua nem terra nem sol nem águas

durante a lua me afoguei em ti
enquanto teu mar evaporava
durante a terra fiquei lá imergido
enquanto chovias outra terra
durante o sol explorei teus quatro cantos
enquanto teus olhos fechados
durante as águas os animais me atacaram
enquanto teus olhos cientes
e carreguei o oceano para todos os lugares
e não tive como deixá-lo lá fora
e criei as guelras... e veio o fôlego...

coloquei um perfume de madeira
encharcada na água do mar
e saí a procura de outras paredes
onde pudesse pendurar os quadros
onde visse os pescadores no mar
onde tivesse sarracénias eretas

e pra isso peguei dentro de mim
o que de ti ainda tinha
pra isso esmaguei os ventrículos
até desfazerem destroços

e nas palmas dessas mãos
restou um mar sem dança

horizonte... linha... eternidade...

Matheus Dorneles

À deriva

Só lembro do conforto do porto
Quando não mais o vejo
Então perco o ensejo do regresso
E no processo, perco o norte do objetivo
Agora, aflito, recorro às estrelas
Travessas, escondidas no céu nublado
Contrariado, recorro à bússola
Apenas pra lembrar
Que para um navegador à deriva,
Sob um céu que as estrelas esconde,
Num mar sem porto e sem norte,
Não há ilha, nem horizonte
A bússola aponta para a morte

Roger Gregory

Maré

a maré vem e vai
a maré vem e traz
a maré bate e volta
a maré vai e solta

marinheiro velho
não sente enjoo
mas não seca
quando é novo

pescador jovem
toma caldo
salgado
e não pega jacaré

a maré é forte e puxa
a maré é fraca e mansa
a maré não perdoa
todo marinheiro cansa.

João Lira

28/10/2018

Começou a tempestade

Meu navio está preparado para ondas fortes

Mas não para um furacão no meio do mar

Dentro da minha cabine eu quero escrever

Mas escrever o quê?

Carta de suicida

Ou uma nota de pesar?

Devo escrever palavras de esperança cega e entorpecida

Ou ser bruto na forma de falar?

Pois agora não consigo escrever

Quero juntar minha tripulação

E continuar a navegar

Enfrentar o furacão

Pois não é hora de naufragar

Vinicius Moraes de Souza

Somos insetos agora

enquanto furo o teclado em verso
entendo que somos insetos agora
há que inventar a coragem de viver minúsculo
estoicamente carregar cada grão
no crepúsculo da razão
já fomos o percurso todo até o ponto dessa hora
de se saber inseto furando ar ou terra
refazendo a esfera do nosso mundo
pisoteado por solas de coturno
nos dentes de fera do tempo taciturno
há que inventar a força da metamorfose
de refundar o profundo universo
vasto e fecundo
inteiro mar oceano
na potência heróica do voo
em ser de novo epopeia

Isadora Dutra

A mesma Força

Esta força dentro de mim
esta vontade de fazer, de destruir, de refazer
a força de inverter e recolocar
esta força que bate por dentro
uma força maior que meu corpo
uma força que me dá vontade
de dar um soco no vidro e um abraço num estranho
esta força que vem do fundo
a força que inverte o jogo
a força de um barco no meio do mar
resistindo em meio a tempestade
a força que subverte as ondas
tornando-se a força das próprias ondas
o barco virando
virando mar e espuma
a força do oceano inteiro
eu sou meu barco em tempestade por dentro
meu naufrágio é um desaparecimento
e um renascimento de mim dentro desta força do si mesmo
que vai deixando de ser batendo nas ondas
quando me torno os raios e os ventos
a fúria
a força dentro de mim
esta loucura serena que vem
precisamente na hora certa
esta força que me dá vontade de ser
e de aguentar
até o fim

Daphini Couto

Meus pais me contam que quando nasci, nasci numa ilha. Me contam, também, que fazia poucos anos que tínhamos sidos colocados lá: era o que havia sobrado do mundo. Eu não me lembro como era viver lá, mas me contam que foram tempos difíceis, de falta, fome e falência. Mas aos poucos a vida na ilha melhorou e as pessoas começaram a construir barcos, navios. E, não sei ao certo, acho que eu tinha uns 10 ou 11 anos, as pessoas da ilha, assim como minha família, decidiram navegar.

— Vamos, meu filho, o mar é nosso!

E fomos. E navegamos. E o mar nos deixou avançar. Passamos por dias ensolarados e por tempestades, mas nunca deixamos de seguir o horizonte de nossos sonhos por um novo mundo, um mundo melhor. Mas com o tempo, acho que esquecemos que havia outro mundo fora do mar que nos cercava. Havia terras inexploradas. Lembro que algumas pessoas da ilha não quiseram navegar conosco, outras, seguiram por outros mares. E, depois de tantos anos crescendo nesse mar desbravado e construído por nós, hoje nos deparamos com um muro preto. Um bloco vindo de Uma Odisseia no Espaço, mas muito maior. Não sabemos como chegamos a ele, não o vimos pela luneta. A ainda não entendemos como ele apareceu lá. É possível bloquear o mar? Não sabemos. Precisamos descobrir porque já não sabemos fazer mais nada a não ser navegar.

Marco Antonio Rocha

O rio e a maré

viver é de rio em rio
e há rio com maré
Maré alta em morro
lá onde morre um pouco
todo dia o Rio

Isadora Dutra

Nadando no escuro

À noite deslizo
Pela inconsciência
Na escuridão do fundo
Do mar profundo salgado
Nado devagar através da calma
Me fundo ao ambiente estranho
Esquecido desde o início do tempo
Aumento meus sentidos para enxergar
Os bichos que sobrevivem na imensidão
Da pressão das águas quilômetros acima
Os seres da superfície não conhecem
O tremendo esforço que é viver
Aqui embaixo como demônios
Bruxas de aspecto assombroso
Poderosos insensíveis implacáveis
Distantes de Deus e do calor e do ar
Perto do perigo e do instinto e da dor
Brutal da natureza selvagem que resiste
Desconhecida como mistério sobrenatural
Que no meu sonho eu acesso sem querer
Vagando pelo oceano distante e colossal
Anil escuro me invade o peito de luz
Como pedra cristalina sob o Sol
Sou agora como vela e fogo
Lampejo de consciência
No meio do nada
Da água escura
Sozinha no negro
Um brilho de estrela

Que me cura da loucura
De não saber se sou bicho
Do mar remoto azul profundo
Como os que criam sua luz fugidia
De dentro do corpo primitivo e ancestral
Extravagantes luminosos servidores do caos
E nesse instante eu sei quem sou e me separo
Do infinito noturno que me envolve como manta
Nado à superfície e canto o mantra que me acorda.

Sofia Navarro Schinke

Juntos na prancha e além

Eis que o pior capitão tomou posse do navio. A minoria egoísta e cega dos marujos não fez nada contra o homem que quer vê-los mortos, e que passou a governar o navio acompanhado dos mais sádicos restantes, que irão sobreviver através da expulsão, da agressão, da matança dos que resistem à ditadura iminente. Pois sim, o diabo mal pegava o leme e já estávamos, veladamente, a caminho da prancha.

Alguns insistiam em não enxergar a trilha que nossos pés traçavam na madeira do convés, e andavam de boa vontade pelo mesmo caminho; mas nós víamos. E não deixávamos nos conduzirem como gado até a beirada: lutávamos, argumentávamos para o vazio, tentávamos tirar as vendas dos olhos dos companheiros tragados pelo outro lado. Pois deixaram que pano e algodão fossem amarrados em seus olhos, enfiados em seus ouvidos, e alguns até ajudaram a apertar os nós, enterrando seus sentidos de forma voluntária. Mas não nos deixavam puxar o pano de suas vistas, nem ouviam nossos gritos, e diziam: “Não vai ser assim, ele fala da boca pra fora, vocês são muito pessimistas, é tudo mentira da oposição”. Mas, vez ou outra, na calada da noite, alguém era jogado ao mar e não conseguíamos evitar: só continuávamos na trilha para adiar a morte e buscar uma saída.

Mas agora cá estamos, em fileira, na frente da prancha. Há uma barreira de apoiadores do capitão que nos prende na beirada. Os surdos cegos se calam, agora com panos tapando a boca, totalmente passivos frente à demonstração de ódio, de desejo de morte. Eles serão os próximos na fila. Os sádicos gritam com bafo de sangue: “Eu quero mesmo é que pulem!”, “O capitão é o salvador, quem não crê tem que morrer!”, “A nova era começa agora!”.

Já sabíamos dos perigos de sermos quem somos, e nem por isso gostaríamos de estar no lado salvo e insano. Nosso orgulho é de estarmos no lado certo e perdedor. Dependendo do ponto de vista, somos até vencedores – por estarmos ao lado da humanidade. Lutando pelo bem do navio e da tripulação, que trabalhava dia e noite, sendo

explorada e maltratada, mas que se ajudava sempre que possível, salvando o navio das maiores tempestades; mas nunca sendo reconhecida pelos que estão no comando, escondidos na cabine, sem fazer nada para evitar o choque nas grandes rochas. Quando isso acontecia, botavam a culpa em nós e ainda saíam ganhando, pois a destruição do navio consegue ser lucro para eles (não me perguntem como) – lucro sujo, egoísta, putrefato, mas lucro.

Queríamos outro capitão, um que era difícil de acreditar que fosse tão bom. Era um dos nossos, e por isso não conseguiu apoio para guiar o navio. Foi expulso, talvez perseguido do lado de fora, sabe-se lá. Talvez um dia ainda consiga voltar, nos livrar dessa realidade de merda que se instalou aos poucos diante dos nossos olhos – olhos antes otimistas, descrentes de que um punhado de insetos raivosos pudesse destruir por completo as pequenas vitórias que conquistamos aqui do lado de dentro, aos trancos e barrancos, entre tempestades e maremotos. Agora vemos que tudo é possível e que nada é permanente: a queda é maior quando escalamos cada vez mais a montanha. Mas vamos nos agarrar a todos para que ninguém morra lá embaixo. Cairemos dezenas de metros se tiver de ser, mas agarraremos novamente as pedras ásperas antes de chegar ao chão, para escalar e conquistar tudo novamente com braços fortes, mãos arranhadas e sangrentas que não sucumbem.

Chegada a hora, na ponta da prancha, damos as mãos e gritamos: “Somos resistência! Ninguém solta a mão de ninguém!”. Em seguida, tomamos fôlego, fechamos os olhos e pulamos. E sei que não será o fim.

Eles pensam que têm poder, que sabem navegar sozinhos, com ódio, ganância e medo. Mas nós somos o poder deles: navegávamos juntos, com amor, resistência e coragem, sendo o único motivo de não terem afundado até agora. E temos ainda algo que eles nunca tiveram, e que não sabem que temos: O poder de aprender a nadar na marra, a resistir ao afogamento, a se adaptar e existir como ser marinho.

Eles estão presos ao navio, afundando, enquanto nós temos todo o mar.

Sofia Navarro Schinke

Experimento 9: copo

Tempestade em copo de palavra

Noite calma e quente
imóvel, sem mosquitos
sem lua, sem estrelas
apenas as luzes da cidade ao longe
vagalumes paralisados pela tensão e pela tranquilidade
desta noite antes da tempestade
tudo calmo porque condenado
ninguém respira, tudo transpira
e sussurram as folhas ao toque
do vento que anuncia o que está vindo

E vem vindo aos poucos
vem tomando corpo
cada palavra como uma casca
que vai caindo e revelando a natureza de dentro

Meu copo de água na mão que treme
seduzida pela fúria do trovão
do raio que cai no prédio da esquina

Daphini Couto

Olhos líquidos

I – Copo de chá

A cup of tea,
Um copo de ti.
Choro lágrimas de chá gelado,
Da cor dos teus olhos líquidos,
Cor de âmbar.
Um pouco de ti.

Dei a ti o sangue de minhas veias,
Vermelho, cor de vinho,
De minhas valsas por tua vida
Que danço sozinha –
Na portaria em minhas idas
Me barram na entrada:
No meio fio fico detida,
Espero sentada, solita.

Minha consciência embriagada:
Que fizeste tu com meu sangue doado?
Nem precisas mais do teu chá,
Minha saúde te cura pelo resto da vida.

Bebo um copo,
Choro outros.
E a garrafa não esvazia,
Só transborda.

II – Taças de mar

A cup of sea,
Uma taça de anil.
Bebo caldos de mar cálido,
Da cor de outros olhos líquidos,
Cor de gelo.
Um monte de anil.

Dou a ele o fogo do meu peito,
Arco íris, cor de luz,
De nossa valsa favorita
Que não danço sozinha –
Na portaria em nossas vindas
Somos sempre bem-vindos:
No sofá nos aconchegamos,
Estamos em casa, em abrigo.

Minha mente absorvida:
No mar eu me fiz, no mar eu me criei.
Se me colocam no mar, no mar renascerei.

Choro um copo,
Bebo muitos outros.
E a garrafa sempre esvazia,
Nada mais sobra.

Até que eu chore de novo,
E que a maré de novo me envolva.

III – Gotas de chá no mar

A drop of tea in the sea,
Uma gota de ti no meu mar anil.
Verto antigo suor de chá estragado,
Da cor dos teus olhos líquidos,
Cor de âmbar mofado.
Um mínimo de ti.

Empresto a ti a linfa da minha seiva,
Transparente, pelo âmbar colorido
De tuas valsas por minha vida
E não dança sozinho –
Na portaria em tua vinda
Tu és até bem-vindo:
Fica só um minuto, de pé,
Mas pela porta passa.

Meu pensamento injustificado:
Um pouco de veneno até que me cura,
Equilibra o mar que vez ou outra me afoga.
De todo modo, o mar a tudo engole,
Que são gotas no oceano enorme?

Sorvo gotas de chá estragado,
Viro taças de mar salgado;
Choro âmbar no anil misturados,
E a garrafa é infinita,
O líquido a um fio da borda.

Sofia Navarro Schinke

A Musa do Apocalipse

Venho sentada sobre um belo animal selvagem
de cor escarlate e com sete cabeças
para o caso de se perder alguma
e dez chifres, para causar efeito
venho vestida de cor púrpura e vermelha
a combinar com meu belo animal selvagem
e adornada de ouro, de pedras preciosas e pérolas
e nas mãos trago um cálice de ouro
na verdade apenas um copo singelo
cheio de doçuras e promessas e verdades
eu trago apenas a Verdade que liberta
vinde a mim os que têm a porta aberta, eu recomendo
porque eu não venho para bater e pedir licença
venho completamente lúcida e sóbria
ao encontro deste mundo de bêbados
trazendo um copo de água gelada
para jogar na cara dos homens velhos que ainda não entenderam
que não compreendem o que estão vendo
mesmo que eu faça um desenho!
vinde a mim de peito aberto, eu recomendo
porque não tenho paciência
venho sentada sobre um belo animal selvagem
de cor escarlate com sete cabeças
o que dá mais ou menos uns 210 dentes
vinde a mim principalmente os que têm sede
porque eu trago, no meu copo singelo
que não é um cálice de ouro, mas sim de vidro mesmo
doçuras, verdades e promessas

vinde a mim os que aceitam o novo mundo
e os que não vierem
eu mesma vou atrás e busco
montada em meu belo animal selvagem
de cor escarlate, com dez chifres
sete cabeças e 210 dentes

Daphini Couto

Entre o copo cheio de línguas cortadas
E o desconhecido
Também quero copo cheio de desconhecido
Mas não quero a cicuta!: há que pagar a dívida...
Que não é minha! Além de injusta!
Vou pegar esse copo vazio e encher
Primeiro, vou desconhecer
Todo esse o absurdo
Trocando por absinto
Debaixo desse céu feito copo emborcado e taciturno,
Onde, presa, nada sei, nem me sinto,
Pego a baudelairiana taça de tristeza
Vazia de sonoridade de cristais
Que porto não como cruz
Mas como Cruz e Sousa
Em busca de etéreas evasões, luminescências astrais
Vou beber desse copo cheio
Arrancar toda a armadura num Quixote ao contrário
E encontrar na cama a queda que degreda
Até encontrar o caminho do sonho visionário
Com transcendência ou sem, já tanto faz
Porque também se convém
Agarro na cinzelada taça de Luíz Vaz
de Camões e também digo adeus
Em meio ao desconcerto
Dos maus em mar de contentamento
Tão mal ordenado mundo, carregado nos breus
Agora ajudaria, meu caro olho só que tudo vê, a tua pontaria
Com teus 300 Platões! (continuamente afirmados e contrariados)
De invenção, ideal, sonho e fantasia
Vou pegar esse copo vazio e encher
Nem que seja de paródia de copo com cerveja
De mandar passear a alma até ela cair no sofá

Vou encher até natureza-morta
Assim copo imóvel de espera
Até a hora de verter qualquer líquido que se beba
E molhe a garganta áspera
Que se esmera em atravessar o deserto de tanto cinismo
A garganta, essa cratera, que reverbera para dentro o grito
Na luta, na úlcera, da era-fera
Do Nada escrito, lavrado e assinado
Pela tara de pretérito
Vou pegar esse copo e encher
E usar o porta-copos como porta de saída
Em grande metamorfose surrealista
Vou transformar a tempestade do copo em inteiro mar oceano
E que o copo derreta em asas de sonhar e ver
A poesia do detalhe
Contra o tirano cotidiano de nada ver
Pegar o copo e encher
O copo que comporta o mar e a maçã
A vontade de querer conhecer
Apesar da força insana que vem difamar
Encher o copo até a boca
E levar à boca a água fresca e a sombra
De refazer
A luz de encher o copo
E fazer copo aceso
De iluminar os olhos em sonho
Copo cheio até a boca de “Beba-me”
De fazer crescer o inseto que me sinto
Em coletivo ao virar enxame contra infames ditames
E vexames internacionais
Copo cheio de inflamar o afeto no lugar certo
Assim recompor o projeto do ser
O trajeto do viver

Ao mesmo tempo evasão e fundação
No copo cheio até a boca aberta em abraço de línguas não cortadas
A ponto da gota d'água
Virar cornucópia vazante
De finalmente fazer agonizante a escassez
Pela vazão, pela pulsão
De vida
Pulsante entre eu e você
Nós de dois e ou de dois mil porque não se sabe ao certo quantos
[cabem no plural
De um copo cheio
Aceso dentro de um poemeto assim mesmo circunspecto
Vou pegar esse copo e encher
Do Antídoto!
De beber agora!

Isadora Dutra

Represa rompida & “Como você está?”

Tive em mim alguém com talento
De manter os demônios presos
De guardar os pesares e dores
Lágrimas, gritos, horrores
Longe de olhares alheios
Nunca do lado de fora
Sempre do lado de dentro
Mas pra cada copo cheio
Existe A Gota D'água
Pra cada represa imponente
Há a iminente ruptura
E na fraqueza do meu cálice de cristal
Em minha barricada de frágil estrutura
Mesmo em contidos olhos úmidos
Meu lábios me traem
E se contraem
Assim, numa singela pergunta corriqueira
Que toda minha barreira
Tornou-se ruína
Transbordada
Por uma pesada
Salgada
Derradeira lágrima
E que agora correm
Como torrentes livres
Descendo de afluentes negros
Que me impedem de piscar
“Como você está?”

Roger Gregory

Poema destilado

Permita-me então,
sorver neste teu copo
umas palavras destiladas
temperadas com um leve toque sinestésico
foneticamente arranjada para encher a boca
e misturadas ao sabor das metáforas
mais sutis e um tanto perversas
porque um bom drink deve arder um pouco
um drink para meter fogo mesmo
bem como tu pedes
um drink até sofisticado, perceba
com a 2º pessoa conjugada
um drink forte para bater na cabeça
e te por de cama, exausta e vazia
porque talvez ele provoque o vômito
metaforicamente apenas!
num dizer alocado em fluxo sem nexo
com teus versos purificando a garganta
nascidos do estado ébrio que te invadirá
quando aceites este copo de poema que te ofereço

Mas, devo admitir,
quando me virei de costas e fui escrever este poema destilado
sorratamente adicionei uma pequena dose de veneno
te ofereci um drink enfeitado
contendo em si um segredo hermético
que tu decifrarás apenas quando me oferecer noutro copo
um poema adocicado
pois eu prefiro vinho

Daphini Couto

Dois tigres gregos

dois tigres
não três
dois, dentro de um copo
sim, dentro de um copo
dois tigres passeiam entre o bambu
diz o ditado chinês:
quando tu vês um tigre, ele já te viu mil vezes
mas quando um tigre vê outro tigre
cada um vê que o outro viu
e está tudo visto desde sempre
assim, dois tigres entre o bambu
e está feito o drink de anular o visto
até não mais ver pelo menos por um instante
mas são gregos os tigres, não chineses:
passeiam entre 4 partes de laranja, ½ de limão,
entre o anis do ouzo
e os cubos de gelo
e tigres gregos em dose dupla sobem rápido à cabeça
fazem o mundo dar voltas
cada vez mais tortas
e só assim pode ser
em tempos de passos senis
às vezes, é preciso dois tigres gregos de origem
para fazer a cabeça montar
em sonhos distantes
de Túnis, ou ovis, ou Janis, ou Istambul
com dois tigres gregos diletantes
entre o bambu e o degelo
na vertigem

Isadora Dutra

Dois de Copas

Das xícaras de café e de chá
e dos cálices sagrados
dos copos de água mineral
e até das mãos juntas em formato de concha
tudo o que é recipiente
e acolhe líquidos, mantém o fluxo imóvel
uma superfície lisa que serve como espelho
para refletir nossa imagem e para matar a sede
para embriagar e até matar com veneno
tudo o que é côncavo e guarda para dentro
reservando em silêncio para depois se oferecer às bocas e às gargantas

Daphini Couto

Nada de copos vazios

Bebidas por minha conta
Duvido alguém rejeitar
Sabendo tudo que se passa
Quem vai passar a chance de beber uma boa cachaça
Logo sabendo que eu é quem vou pagar?

No meio de tanta desgraça
Nem precisa ser um bêbado pra aceitar
Pois podem trazer os copos e as garrafas
E pros que quiserem parecer chiques
Podem trazer as taças

Se quiserem variedade
Encham os copos com vinho
E tenham a bondade
De não me deixar com copo vazio
E nem bebendo sozinho

Vinicius Moraes de Souza

Luta

Quando for necessário quebrar os copos
Não importa se estão meio cheios ou meio vazios
Importa o caco afiado e os movimentos precisos
Matar ou morrer, fazer do sangue a sede
o sangue no chão e na parede
antes o deles do que o meu

Daphini Couto

Todos os dias eu sangro
Nos mesmo lugares
E lavo os mesmos machucados
Com sabão
Contra a doença do porvir

Vocês já tentaram tirar cheiro de lágrima dos copos?
Ou de suicídio das toalhas?

Não há perfume mais rude
E penetrante
Que o do desespero.

Oliver Rodrigues Balbi

Pequeno tratado-manifesto sobre o que eu quero

Decidimos viver
Você vem junto?
Viver um dia de cada vez
Sentir os segundos na sola dos pés
Cada milímetro de tempo na insistência de um ciclo
Você vem viver comigo?
Assim vivendo entre os espaços pequenos
Nos pequenos punhados milimétricos no meio do tempo
Três mil e seiscentos segundos vinte quatro vezes
Fazendo a conta no papel, dispensado as calculadoras automáticas
Você vem comigo sentir esse tempo lento
saboreando as pausas e as fissuras
escapando pelas rachaduras quando o relógio não estiver nos vendo?
Eu decidi viver, em gesto de revolta

Decidimos viver, você vem junto?
viver paulatinamente
rejeitando as calculadoras automáticas
prestando atenção nos detalhes do tempo milimétrico
sorvendo cada mililitro, como beber o mar inteiro de colher
ou como beber o Guaíba inteiro num copo de vidro
como conhecer cada grão de areia no deserto
A abundância extravagante
que apenas a paciência nos revela
A vitória perene no gesto que rejeita a guerra
porque rejeita a sobrevivência
querendo viver distraidamente
prestando atenção em todo o Mundo
Você vem viver comigo? Te pergunto
decidimos visitar o Mundo ao invés de conquistá-lo
decidimos caminhar pela rua ao invés de correr em fuga
em fuga de quê? Me pergunto
O que nos persegue lá fora?
Se andarmos assim, lentamente
sintonizadas com a velocidade milimétrica por milissegundo
aos olhos dos outros estaremos tão rápidas
que apenas outros vivos, sintonizados ao nosso passo, poderiam
[nos ver
decidimos viver hoje, cada dia renovaremos os votos
todos os dias escolheremos a vida
um poema de cada vez
você vem viver junto?

Daphini Couto

O meu está quebrado

Meu copo é um copo atirado contra a parede
Estilhaçado
Cacos de ódio, rancor e mágoa.
Ele disse que não esperava menos de mim.
Quando o copo não era mais que cacos
vidro cortante que fura o pé de quem anda descalço
Ele disse: “não esperava menos de você”.
Na manhã seguinte, não havia mais copo
não havia mais corpo
juntei os cacos, foi tudo pro lixo
você foi embora ou foi pro lixo também
Só me sobrou o ódio,
o rancor e a mágoa.

Marco Antonio Rocha

Sobre a importância de se definir os copos

Afinal o Guaíba é um lago, não rio
ou é uma lagoa?
pouco importa
como também não importa se o copo é de leite ou de café
Às vezes importa, é bom salientar
Às vezes faz diferença
Não servir chá no copo de leite, por exemplo
Mas no geral não importa tanto
Os plurais dizem tudo sem dizer nada
Se nós somos duas ou se somos todos
Pouco importa, pode chamar de rio que todo mundo sabe onde fica
Em poesia pode-se dizer que copo de leite com mel faz bem para tosse
E também pode-se dizer que ofereço o cálice para matar a sede de
[dentro

Pode-se dizer que a maçã é enfeitiçada e está acesa
E que mordê-la é cruzar a fronteira
Pode-se dizer que a primavera veio preencher o corpo de flores
E você entende do que se trata
Pode-se dizer inclusive que há uma guerra no corpo com flores e minas
e que minas podem ser de ouro ou de bombas
Na poesia pode tudo, pode fazer lago virar rio
Mas não pode qualquer coisa
Não pode servir chá no copo de leite
A não ser que este copo seja surrealista
Ou que o sujeito queira regar a planta

(Pausa para um copo de água)

Até ontem eu estava convicta de que os olhos eram verdes
Vi o mar inteiro em ondas de luz dentro deles
Hoje percebo que parecem castanhos

E no meio do meu mar agora tem madeira
Um barco talvez
Ou eu saio do mar e volto ao Guaíba que é rio
Águas doces que em dia de chuva ficam barrentas
Lama nos olhos, uma imagem insólita
Mas isso pouco importa
Se são verdes ou castanhos
Pouco importa
Como o lago que é rio
O importante é que eu sei onde eles ficam
Pouco importa quem veio primeiro
Se o ovo veio antes ou depois da galinha
Na hora da comida ambos quebram simultaneamente
Mas às vezes importa, é claro
Não dá para beber chá no copo de leite
Não dá para chamar homicídio qualificado de acidente
Até dá, mas está errado, eticamente falando
Você entende?
Na poesia pode tudo, pode o que quiser
Mas não pode qualquer coisa
Como também não pode nada
Seja rio, lago ou lagoa
O Guaíba não é deserto, tem água
Sejam verdes ou castanhos, os olhos são teus
Isso importa. Há coisas que importam dizê-las
Para não correr o risco de matar os copos de leite

Daphini Couto

General

Todo mundo aí?
Quem anota?
Bora lá, faz a tabelinha.
Alguém tira a cerveja do freezer,
Deixa eu pegar os copos.

Quem começa?
Bah, já veio sequência,
Que diabo, essa é a pior.
A ceva é barata mas desce,
Até que tá boa.
Minha vez?
Ah, vai um no um mesmo.
Fula é a mais fácil,
Qualquer hora dá pra fazer.
De quem é o copo?
Massa, gostei do couro!

Pega outro litrão ali,
Enche até a borda,
Que a semana foi braba.
General só dá pra aguentar no jogo,
Na presidência é foda.
Poker de cara?! Ah, vá se fuder.
Só consigo um no um,
Dois no dois,
Três no três,
A única sequência que sai.
Opa, fula!

Bora virar outra.
Não to ganhando,
Tem que ter uma coisa boa.
Eita, se fosse invertido dava...
Quinze (isso é quinze?)
Quinze no cinco.
Tá anotando direito?
Botou no quatro, meu!
Te liga...

Esse dado tá viciado, hein.
Tão roubando os números bons,
Aqui só passa ruim.
Aumenta o volume!
Essa é genial.
Agora vai, agora vai!
Poker, pelo menos isso.
Esse é o meu copo?
Não derruba, velho!
Pega outra pra mim então.
Minha vez já?
Ah, queima a sequência logo.
Cês são demais,
Adoro vocês.

A saideira da saideira, galera.
Vamo, vamo...!
General, caralho!!
Ganhei já essa bagaça.
Só geneco pra salvar mesmo,
Tava feio o negócio.
Não me entendam mal,
Pelamordedeus.

Adoro esses copos,
Os dois, quero pra mim.
Bah, quase que engulo os dados.
Hihi.

Que me importa,
Ganhei e virei todas.
General é que salva, na mesa.
O safado em Brasília só ferra,
Diabo.
Só ferra, só ferra.
Quase não dá pra comprar a ceva toda.
Não acabou o bagulho ainda?
Bota treze no quatro então.
Doze, que seja.
Doze ou treze, tanto faz.
Já ganhei mesmo,
No jogo.
Na vida todo mundo perde,
Já dizia a presidenta com “a”.

Acabou? Ganhei?
Aleluia, Deus é pai.
Não, peraí, não vai ainda,
Agora é a saideira, eu juro.
Tu é foda, bróder,
Gosto muito de ti.
Derrubou minha ceva,
Quebrou meu copo,
Mas eu te perdôo,
Fica assim não.
Aqui é amizade de couro,
Num é de vidro não.

Amo vocês também, viu!
Vou capotar,
Boa noite.
Se hidratem,
Deixem um copinho d'água
E um baldinho do lado da cama,
Cuidar do corpicho é bom.
Agora calem a boca
E não me acordem até às treze,
Valeu, obrigado.

Sofia Navarro Schinke

Ampulheta:
tempestade em copo de areia

Daphini Couto

Caro café barato

Irish Mocha Latte
Arábica Ground Lungo
Cappuccino Espresso Americano

branco no preto
tudo escrito no copo
de café *fancy*
ou *chic en français*
que comprei no moinhos
porque o lance aqui é
imitar francês em francês
o lance aqui é ter repúblicas
com saberes e alianças
apenas de estampa

porque aqui o moinho que mói
milho mágoa trigo cevada
é moinho de ventos
não é de água sal nem açúcar
é um marco no espaço tempo
é a própria rosa dos ventos
mostra a direção
norte sul leste oeste
passado presente futuro
não interessa a realidade
só essa suposta verdade

é um copo com café de baixa qualidade
com uma petulância burra
pra marcar algo na cidade

um cão rasteiro
que sem plumas
não passa de ossos secos
marcando os postes sujos
de ruas perfeitamente imundas

só pingando
só borrando a terra
só uma terra no copo
só um resto de borra
no fundo do corpo

Matheus Dorneles

Do meu experimento embriagado

Era uma vez eu querendo saber como era ficar bêbada. No auge dos meus dezessete anos e meio, queria desenvolver um experimento científico, acontecido em mim mesma, para verificar precisamente os curiosos processos da embriaguez humana consciente. Uma oportunidade me veio pronta e feita: uma festa na granja do meu melhor amigo, onde todos indiscutivelmente iriam se embebedar, inclusive os adultos, que por esse motivo certamente não ligariam para uma guria de dezessete anos e meio que estaria realizando uma experiência importantíssima para a comunidade científica – ou para a cientista dentro dela.

De noite, adultos já se embriagando e já entretidos na conversa intelectual sobre a internet, música alta e *cult* ressoando pela casa, garrafas de vinho e de cerveja geladas e abertas, taças limpas e posicionadas nas mesas – estávamos devidamente preparados. Mas é claro que o experimento era só meu: todos os meus amigos já haviam experienciado o seu há muito tempo, portanto não dividi com ninguém minhas intenções calculadas para aquela noite.

Creio que iniciei com o vinho. Fui bebericando, degustando e sorvendo distraída, já estava no final da segunda taça quando comecei a notar minha visão ligeiramente alterada, nos membros uma moleza tranquila, e minha fascinação por tudo aumentada. Me agitava de sentimentos alegres a voz daquela cantora francesa que saía pelo aparelho de som, enquanto ouvia a conversa de montes de gentes ali ao lado; admirava a noite e suas luzes quentes e animadas, me aprazia aquele sofá confortável na enorme varanda, até que finalmente pousei os olhos na minha taça, que ainda continha restos de vinho tinto.

Nunca antes havia presenciado tão estonteante combinação de texturas, luzes, formatos e cores em um só objeto. Via a forma lânguida, suntuosa e sensual daquela taça, sua atratividade, segurança e gostosura, desejando ter uma fração daquilo tudo. Aquela fineza de traços e de vidro formando tamanha soberba, altivez, redondeza? Eu estava

passada. E aquele dedo de vinho, criando reflexos cintilantes, perolados e rosados, na superfície absolutamente lisa, recurva, transparente do copo, enquanto a cor do líquido púrpura me transportava às minhas lembranças mais apaixonadas de adolescente sentimental... Aproximei o objeto dos olhos, como para adentrar naquele universo de luzes afogeadas, onde tudo era paixão, luxúria, festa e embriaguez. Queria mergulhar naquela maré de cor vermelha e divertida, que me deixava aos poucos louca e sorridente.

Era tudo demais, magnífico, palpitante de emoção para mim, ao mesmo tempo em que minha parte analítica observava todo aquele espanto e comoção com uma curiosidade pacífica e malandra. Nunca que uma taça pareceria tão maravilhosa se eu estivesse sóbria, por mais curiosa e imaginativa que eu fosse, mas nem por isso desprezei a admiração encantada que aquela visão me causou.

Em seguida, me levantei do sofá e acredito eu que fui para a cerveja, depois voltei para o vinho – não lembro bem a sequência de bebidas ingeridas, por motivos óbvios. Nesse momento eu já sentia as pernas pesadas, a visão claramente turva, precisava me concentrar para andar em linha reta e fingir que estava totalmente sóbria, muito bem obrigada. Porém, anotava essas impressões cuidadosamente no meu relatório mental, ainda muito consciente de meu experimento e de minhas sensações.

Mas aquele instante com a taça ainda se fazia presente no meu íntimo, por mais que já não estivesse no meu consciente. Refletindo sobre aquela noite, percebo que, de fato, eu invejara a taça; eu queria ser a taça. Aquela combinação de leveza, elegância e firmeza do cristal se traduzindo no meu andar, nos meus gestos; a cor do vinho pairando ao redor como aura límpida, se refletindo de leve em minha pele, em meus olhos de fogo. Vidro translúcido como água envolvendo o vinho escuro e místico – era aquilo que eu queria transparecer e ser.

Foi nesse pé de sensações e intenções que me aproximei de um grupinho, onde estava junto meu amigo. Parei de pé ao lado deles,

querendo segurar minha companheira e sedutora taça com delicadeza e displicência, me incorporando como a própria, a mais charmosa, segura e descolada taça de vinho do pedaço.

Até ali estivera calada, falando no máximo uma sentença curta como resposta. Acho que daí em diante a segurança que eu tanto procurava, pelo tanto de permissão que eu lhe oferecera, me invadiu sem controle; e inventei de contar um caso que nem a pessoa mais sóbria conseguiria contar direito, pela extensão e complicação da história. Dá para imaginar como me saí com essa.

Minha boca e minha mente se tornaram instâncias completamente independentes, e me peguei dizendo muita bobagem sem nexos, enquanto minha cabeça se perguntava: “Mas que bosta eu acabei de falar? Vai, continua, diz qualquer coisa que não isso!”. Já começava a sentir o vidro da minha taça interior a trincar lentamente com minha vergonha. Assim me perdi totalmente do que estava falando, e ainda consegui comentar, meio rindo por fora e morrendo por dentro: “Ah, não lembro mais, não sei por quê.” Meu amigo completou com um misto de tédio, riso e piedade: “É porque tu tá bêbada.” Pronto: Meu vidro, na hora, terminou de rachar até o talo, se espatifando comprimido em silêncio, pesada e timidamente como quem quer sumir com os próprios cacos sem machucar ninguém.

Concluindo, foi péssimo – uma situação vergonhosa que acabou com minha moral de taça, mas que naquela hora me deu uma certeza; meu experimento estava completo. Ou quase completo: Situação como objeto de estudo – estabelecida; equipamento e local preparados, experimento iniciado, resultados computados. Próximo e último passo, arrumar a bagunça do laboratório e fazer o controle dos danos: Me servir de muita água na bendita taça e manter minha boca fechada até a manhã seguinte, não querendo provar do veneno que eu mesma aprontara no meu copo.

Sofia Navarro Schinke

Experimento 10: Antídoto

Prosa poética e reversa

Vou colocar apenas uma gota de antídoto num copo de mar. Deramar tudo na areia, magia pra vencer a guerra. Mesmo se perdermos, tudo bem: viveremos nossa primavera cada mais florida, não nos deixemos cair no abismo. E se cair: asas! Voemos! Voemos segurando um guarda-chuva aberto numa mão, para nos guardar de tudo que não for flor, e uma maçã mordida na outra, porque a alma também precisa de alimento.

Marco Antonio Rocha

Banimento Literário

Um feitiço de pedra, de concreto
Veja bem, há uma maldição de engrenagens, de mecânica
engana-se quem pensa que não há magia
na era dos computadores, dos inquisidores digitais
uma maldição de concreto e trânsito cheio
que adormece e paralisa
um encantamento sofisticado, altamente tecnológico
monstros invocados para defender a Máquina
engana-se quem pensa que não há magia
na era dos smartphones, amuletos para hipnose
individual e coletiva

Uma bruxa, então, e apenas as bruxas
Uma bruxa orgânica no meio do concreto
Uma invocação de natureza rebelde e caótica
Uma bruxa serpente no meio dos dentes da máquina
Uma bruxa sensata no meio dos loucos
Que se julgam sensatos enquanto ela é insana

Uma guerrilha de armas simbólicas, poéticas
Espadas afiadas na língua e nos guarda-chuvas
Nas entrelinhas avança o veneno do verbo
pronunciado pela boca sagrada da bruxa

Uma maçã envenenada para os dentes da máquina
Uma maçã enfeitiçada para os dentes da poeta aprendiz de bruxa
ou da bruxa aprendiz de poeta
Veneno para desconstruir e enferrujar as engrenagens

Feitiço invertido para despertar do sono profundo de pedra
Feitiço invertido para quebrar a maldição da máquina
poesia para quebrar a amarração dos computadores
inquisidores digitais e concretos
demônios invocados não do inferno,
mas dos shopping centers e supermercados
Poesia na ponta da lança e da agulha
Sorvida dentro no cálice

Para ser antídoto e banimento
Para expurgar o veneno
vacinar o corpo e o espírito
e trazer a cura.

Daphini Couto

Antídoto

sair da insônia e caber no sonho
acordar do pesadelo e sair da máquina
e caber no sonho!
refazer a tática
e a estética
de refazer o sonho
de pôr em prática
a liberdade hipotética
de criar
contemplar
o detalhe poético
imaginar
de olhar peripatético
e refundar
o sonho
de ter sonhos,
o antídoto da máquina!

Isadora Dutra

Vacina

Para curar a dureza de dentro
e subverter a dureza de fora
bebo o veneno direto da fonte
a morte inaugura a vida
matando matéria podre, ferida
matando matéria seca
curando a carne orgânica
poesia na ponta da língua
veneno escorrendo pela garganta
para liquefazer a dureza de dentro
veneno que no verso vira remédio
antídoto que rima com abismo
que no inverso do salto voa
nas asas da escrita
inscrita aqui e agora na pele do tempo
antídoto que rima com paraíso
reconciliado com a serpente
Morde a maçã, eu te autorizo
diz a serpente que devorou Deus
para curar a dureza de dentro e de fora
poesia na ponta da língua
acesa na garganta e no peito
venenoso ao gosto das trevas
antídoto que rima comigo e contigo.

Daphini Couto

Do porre perfeito ou do antídoto

há quem procure o crime perfeito
eu procuro o porre perfeito:
só o delírio, sem a ressaca
um jeito de meter o pé na jaca
sem virar do avesso
e, na busca, tive sucesso:
é hilário
o delírio literário!

Isadora Dutra

Antiverdade

“Antídoto” está escrito no rótulo
“Não, isso é veneno”, diz o outro
Como assim? Mas tá escrito aqui: “antídoto”.
Tá, mas eu li que nem todo antídoto é antídoto, estão nos enganando.
Mas outros já tomaram antes, é antídoto, resolve.
Não resolve, é mentira.
Não é, toma pra ver!
Tá bem, vou tomar só pra você ver como é veneno.
E tomou. E não morreu.
É, não deu nada. Acho que foi a dose.
Cara, sério, é antídoto, vamos espalhar, produzir mais.
Não! É veneno, eu sei. Olha quantos que já morreram.
Mas eles tomaram veneno mesmo, não antídoto. Você tomou, não
[morreu.
Tá, mas essa é minha opinião: isso é veneno, não antídoto.
Não morreu. Mas não se curou.

Marco Antonio Rocha

Antídoto

Os dentes da máquina
metal e concreto e cinismo
e manhãs indesejadas
num eterno acordar cedo demais e aflito
interrompendo o sonho no meio
caindo sempre no presente ausente
os dentes da máquina
trituram a carne
lentamente.

Mas os dentes da máquina
não podem triturar
estes dentes de máquina
não conseguem triturar
aquilo que não tem nome
dentro do sistema da máquina
aquilo que não consta no código
o instante novo
o detalhe poético
o segredo hermético
a vontade interior
o Amor
seja lá o que for
e o nome que se invente
os dentes da máquina não conseguem triturar
aquela coisa que eu nem poderia dizer
explicitamente

Porque há momentos em que,
enquanto sinto a ponta dos dentes
cravando em minha carne,
há o instante em que tudo é novo
de repente tudo é mistério
suavemente revelado
e sei que me escapo
e a máquina me perde.

Quando eu me perco
quando me permito
estar assim sem rumo
abrindo meu próprio caminho
seguindo o brilho do teu olho
por exemplo

Este isto sem nome
que faz com o que
o meu corpo triturado
entre os dentes da máquina
seja veneno.

Daphini Couto

Mito

avisa a Agência da Saúde dos Pulmões (esquerdos):

um copo de leite à noite não é antídoto para:

inalação de monóxido de carbono

inalação de fumos ou outras coisas raras

inalação de substâncias químicas irritantes

ou não verdadeiras em quantidade importante

inalação da fumaça de incêndios florestais

inalação de componentes tóxicos de processos industriais

inalação de produtos que provoquem prejuízos às vias respiratórias

[como:

o contexto brasileiro contemporâneo, o atual estado das coisas

a A.S.P. recomenda:

a pessoa que inala fumos agressores deve ser retirada do local

e afastada do calor

o leite é mito!

nem adianta ser leite de pedra

não é antídoto

foi comprovado cientificamente!

também sabe-se que pedra NÃO dá leite!

não há antídoto

comprovado cientificamente!

também há mitos que são falsos

comprovado também

minto sim, diz o mito,

e não é delito, é mérito

cientificamente

contra falso mito

só deleite!

leite é mito

é falso

ai, mas se misturar leite com melancia ou manga (depende da versão)
daí vira veneno!, saem dizendo na rede
e dá muito pano pra manga
sai até lá na França
dizem que é uma grande conspiração do veneno
uns dizem que é coisa da KGB outras da CIA (depende da opinião)
A Agência da Saúde vai ter que explicar tudo de novo!

Isadora Dutra

Antídoto do antídoto

Qual é o antídoto pra maçã que é maçã
Pro guarda-chuva amarelo
Pras asas terrenas da galinha
Pro abismo ludibriado
Pra primavera invertida
Pra guerra perdida
Pra areia da qual nada disse
E pro mar mal navegado
Pro copo atirado contra a parede
Há um antídoto para tudo isso?
Caso exista, não me dê. Recuso-me a tomá-lo.
Em mim habita o veneno da poesia
Essa transgressora
E hei de espalhá-lo
Em cada canto
Em cada nó
Em cada lugar que não me permitirem.
Não haverá antídoto para a minha existência.

Marco Antonio Rocha

Era uma vez num sonho

O dedo no fuso da roca do tempo
não no décimo sexto aniversário
mas todos os dias, fixamente, ano após ano
a maldição se renova, em sono profundo
em passo sonâmbulo por um mundo cinzento
qual o antídoto? se perguntam os sonâmbulos (quando se
perguntam)
em desespero e letargia
como escapar do atual estado das coisas
como despertar
como se fosse acordar de um pesadelo
O que recomendam as histórias
os contos de fadas no fronte da guerrilha
os dedos no fuso da roca do tempo
procuram teclas e canetas e papel, pincéis, cordas, qualquer coisa
[serviria
também procuram por outros dedos
para quebrar a maldição, recomendam os contos de fadas
no fronte da guerrilha
o beijo poético, simbólico
beber o outro num cálice recíproco
o beijo de amor inventado
inscrito nas asas de palavra
escrita, falada e até incognoscível
contra o dedo no fuso da roca do tempo
o feitiço de sono eterno, automático
o beijo de amor inventado
e que por isso é verdadeiro
é antídoto

Daphini Couto

Antídoto de mim

Se desejo antídoto para a hora de fim
Se desejo sem saber se existe a vacina
Se desejo qualquer coisa que só alucina
E não sei onde procurar mesmo se falta ar

Se versejo mal sem poder o mal sanar
Se num lampejo minha voz vaticina
Se prevejo choque a cada esquina
Se pelejo ainda contra esta sina

E não sei procurar mesmo se falta ar
É que não há antídoto algum enfim
Que não seja o profundo dentro de mim
De onde à toda força há que arrancar

Isadora Dutra

Dois e dois são quatro

Quando o grito mais alto for suspiro
Quando o investimento mais valioso for despesa
Quando o sangue passar a ser propriedade do vampiro
E quando a alma humana for vendida para uma empresa
O antídoto será o sangue que corre na alma que não estiver presa

Quando o veneno for vendido como antídoto
Quando o velho se vender como sendo algo novo
Quando tudo for vendido, e nada for dado ao povo
E quando a verdade for apresentada num perverso teatro
O antídoto será lembrar que dois e dois ainda serão quatro

Vinicius Moraes de Souza

Porque eu não fumo

O que eu quero
no meio destas noites
no meio da semana
no meio do fim do mundo
que sabemos nunca acaba de verdade
mas vai apodrecendo aos poucos
e daí devemos ir cortando e podando as pontas
arrancando as ervas daninhas e as flores mortas

O que eu queria
o que queremos todos
uma solução, uma resposta
às vezes torço que estejam certas
as moças de saia comprida no terminal do ônibus
depois disso tudo, elas prometem,
depois do fim do mundo
o verdadeiro mundo virá,
e tudo será belo e perfeito

O que eu quero
não posso aceitar o panfleto das moças
depois do fim do mundo, tenho vontade de dizer,
virá outro mundo, e mais outro,
e assim subsequentemente
enquanto a gente aguentar,
vamos migrando, mudando de rumo
às vezes até mesmo sem sair do lugar em que estamos
(Só eu, por exemplo, mudei de país uma catorze vezes,
e até agora não cheguei em casa
nem mesmo saí)

O que eu quero
depois da cura do câncer e da redistribuição de renda
depois da preservação das araras-azuis e dos pandas
e dos investimentos na educação pública
o que eu quero
depois da redemocratização das mídias sociais
e de socar a cara de um fascista filho da puta
eu só queria

No meio destas noites
no meio da semana
no meio do mundo que infelizmente não acaba
encontrar olhos e ouvidos
e um par de mãos
para recitar versos de amor despolitizados
(em gesto de revolta política)
protegidos dentro de uma bolha
inflada de fôlego de beijos e riso

o que eu quero, caralho!
o que todos nós queremos
senão companhia
para perder a guerra
sem perder o resto
perder o rumo
sem perder o caminho

Daphini Couto

Me disseram que os remédios iam
Ajudar

Mas sinto minhas mãos tremendo
Mais e mais

Estável
Seria possível?

Em alguns dias
Meu peito respira menos
E parece que estou soterrada de
Antídotos

Nesses dias,
Em que meu corpo parece apenas
Um cadáver
Esperando por se tornar verdadeiro

Meu coração bate atrasado
Ou no contra tempo
Não sei ao certo
Mas parece errado ele ainda estar batendo

Meus braços moles, minhas pernas moles,
Meu clitóris mole
Minha vontade de viver bamba
Como um dente de leite
Tudo isso são apenas efeitos colaterais

Acontece
Mas talvez, o veneno seja liberdade
O fim, talvez apenas um novo início de parágrafo.

Oliver Rodrigues Balbi

Via Astral

No meio do mar aberto
ou no meio do imenso deserto
ou no meio do labirinto de concreto
não há mapa que me guie
não existe mapa porque cada caminho é inédito
zona selvagem fora das coordenadas
território secreto imune aos meridianos e aos paralelos
Que as estrelas então me guiem
pela rota da noite, enquanto dormem os homens,
eu observo o céu e sigo a via astral
que me indica um percurso intuitivo
de como penetrar nos teus muros saturninos
imunes aos meridianos e aos paralelos
fora das coordenadas
sigo um caminho inédito, inexplorado
correndo o risco de ser picada por um inseto
talvez um escorpião intimidado
escondido debaixo de uma pedra
mas não tenho medo, sigo a rota das estrelas
o mapa da noite não erra, enquanto os homens dormem
eu sigo a via astral que me indica um percurso
intenso, hermético e abissal
que me exige atenção e firmeza, mas delicada
ousada e calma
com marte em peixes

paulatinamente
com vênus retrógrada na casa 5
eu vou, incansável, até o teu exílio,
singrando mares tanto de água quanto de areia
sem temer a ameaça do escorpião debaixo da pedra
porque tenho no meu coração o teu antídoto
tenho no meu mapa das estrelas a rota intuitiva
para penetrar tuas muralhas saturninas
delicadamente
vencendo quadraturas na casa 12
com minha alegria venusiana
de quem chega cheia e disposta
a insistir feito água na pedra que um dia fura
e jorra vida afora
na extravagância
da cura

Daphini Couto

o antídoto pra picada de cobra
é feito do veneno da própria cobra
uma vez quando era pequena
vi uma cobra nadando num rio
eu não tinha visto a cobra
até gritarem UMA COBRA
NADANDO
NO RIO
lembro que segui alimentando
os peixinhos filhotes que vinham nos meus pés
mas me puxaram
pra longe
por proteção
essa cobra nadando foi uma das coisas mais bonitas que já vi
era ativa e parecia só querer atravessar o rio
sei que mataram a cobra
não sei como foi
lembro que gritaram MATARAM
A COBRA
não tive reação
tenho certeza que não tive reação
eu só queria alimentar os peixes

Anna Laura Schepp de Lima

Imunidade

Conheci uma mulher que sofria de uma doença auto imune
o corpo interpretava qualquer mudança como doença e atacava a si
[mesmo
excesso de preocupação e autocrítica, lhe disse um terapeuta holístico
E daí no efeito reverso a imunidade baixava
e a doença inventada tornava-se verdadeira
Excesso de cura, dizia o terapeuta
mente punindo o corpo em obsessiva purificação

Não se proteja tanto, me disse a mulher
que o conhecimento do veneno do mundo se torne o antídoto
correndo por dentro das tuas veias em liberdade orgânica.

Daphini Couto

Antídoto II

Agora a cura
Só pode ser a loucura

Isadora Dutra

Otimismo autoimune

Meu avô me chamava de louca quando eu insistia que acreditava
Acredito sim, eu teimava, acredito neles, em nós
e mesmo quando as circunstâncias são duvidosas
eu me ofereço em sacrifício para preservar a fé
acredito com as entranhas, com as vísceras, com os pulmões
acredito de peito aberto sobre a pedra lisa
em imolação voluntária, indiferente do cordeiro aparecer ou não

acredito em tudo, em dias melhores, em justiça
acredito na razão dos homens
acredito até no amor verdadeiro, que o sexo é sagrado
que deus não liga para pecado
que para todo veneno existe remédio
que a única via sem saída e a morte
e mesmo a morte, veja só, é o princípio da vida
em eterna dança, em santa harmonia
acredito cegamente no Mundo
e acredito no que vejo também,
acredito apesar do que vejo
E por que eu acredito?
felizmente meu avô não me fez esta pergunta
evito pensar no assunto
dentro de mim há zonas que creem, apenas isso
desde o início dos tempos
creem como geisers que cospem vapor
apenas acredito, com a força do meu Ser Inteiro
em tudo, em todos, em nós
acredito cegamente no Mundo
e também continuo acreditando, apesar do que vejo

Meu avô
preocupadíssimo, e com razão,
pensava em maneiras de me curar desta doença de se crer em tudo
E eu lamentava, como hoje ainda lamento,
pois, o que para ele (e para todos eles) seria cura
em mim seria veneno.

Daphini Couto

Me deixa louca e viva
com o veneno da primavera
correndo em minhas veias

Daphini Couto

Overdose digital

Num mundo que duvida do real,
Em que o motor metálico do engano,
Roncando sem um rumo e sem um plano,
Faz as vezes de bem, mas sendo um mal;

Num mundo de overdose digital,
Em que há um avatar pra cada humano,
Num mundo assim, de plástico e de dano,
Informação é um cálice fatal.

Eu bebo, eu sorvo, ingiro cego a tudo,
E a ressaca que vem me deixa mudo:
Eu sei um pouco mais, mas morro um pouco.

Preciso de um antídoto pra vida
Que, em meio a tantos dados diluída,
Torna impossível que eu não fique louco.

Jaime de Andruart

Solstício

Soa uma trombeta anunciando o Mundo
Soa através do canto dos pássaros doidos
Isto chegou, entoam as fadas invisíveis
Isto está aqui, concordam as serpentes aladas
Com grinaldas de flores venenosas na cabeça
Ela dança descalça entre a multidão cega
Sob a chuva de folhas que cai das árvores
e que quase parece chuva de verdade
Venha dançar comigo, ela convida, embriagada
a outra que ainda mantém os sapatos nos pés
Venha dançar comigo sob essa chuva que não molha
E os seres ocultos preparam a Cerimônia
a natureza viva pronuncia seu próprio mistério
na comunhão sagrada entre duas Loucas
porque apenas os loucos podem ser iniciados no Mundo
Isto está aqui, comemoram os silfos soprando entre as folhas
Finalmente chegou, até as formigas estarão gemendo
no meio do absoluto silêncio até as aranhas diriam
Até que enfim, celebram os gnomos escondidos
o feitiço foi lançado
para que o outro feitiço fosse quebrado
o antídoto sagrado, prometido
Logo a existência inteira suspira
em exuberância alucinada
o calor causando ondas de delírio
que ampliam a percepção
logo a outra também estará descalça
a natureza viva pronuncia o seu mistério
na comunhão sagrada entre duas Loucas
Uma grinalda de flores venenosas na cabeça da outra

Nós estávamos esperando por você, dizem as fadas
emocionadas, quase lacrimejantes
Agora o ciclo estará completo
O rito no tempo certo
Como uma trombeta anunciando o Mundo
soa o canto dos pássaros doidos

Daphini Couto

Uma barata menos só

mato a barata
deixo ela ir pelo ralo
brindo meu copo
com o copo na mesa

o incômodo pulsa
a solidão late

a barata reaparece a noite
viva na parede do banheiro
o copo entorna, rodopia
mas não vira, só tilinta

se tivesse comido
a barata antes do ralo
talvez tivesse morrido
ou vivido dentro do amor
e em mim protegido
talvez fosse algo definitivo
e ao mesmo tempo infinito

se tivesse quebrado
talvez a pele cortado
teria preparado
uma solidão em sangue
pra mostrar o estilhaço
que não tava espalhado
no chão como constelado

a solução foi posta na mesa:
mistura de maçãs, baratas,
com ou sem asas, que saltam,
em copos com mares e tempestades,
em busca da fronteira

mas não passamos dela
algumas baratas passam
chegamos perto
e olhamos como barata
o subjuntivo do tempo
o quase do espaço
o talvez do mundo
e bebemos
o antídoto do copo
não tão mais só

Matheus Dorneles

SOBRE OS AUTORES

Alessandra Nicolini nasceu em Lajeado, no interior do estado, e reside em Porto Alegre desde 2017. É graduando em Letras - Licenciatura em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa, Língua Espanhola e Literaturas de Língua Espanhola pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, onde também atua como monitora na graduação.

Andressa Bastos Paz, nasceu e reside em Porto Alegre. É graduada em Letras – Licenciatura em Língua e Literatura Portuguesa e Espanhola, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Anna Laura Schepp de Lima nasceu em Santa Maria e mora em Porto Alegre. É graduanda em Teatro com habilitação em Interpretação Teatral pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Também participa do projeto Narrativas Cênicas e Expressões na Arte: Imaginário, Memória e Identidades, onde investiga o ritual cênico do carnaval brasileiro.

Bárbara Silva nasceu e reside em São Leopoldo. É aluna do curso de Letras da UFRGS, com ênfase em língua francesa.

Daphini Moraes Couto nasceu e reside em Porto Alegre. Cursa Licenciatura em Letras com ênfase em Língua e Literatura Portuguesa, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, onde também é bolsista do Programa de Educação Tutorial.

Isadora Dutra nasceu no Rio de Janeiro e mora em Porto Alegre, onde fez graduação em Jornalismo, especialização em Literatura Brasileira, Mestrado, Doutorado e Pós-doutorado em Teoria da Literatura pela PUCRS. Atuou como docente em nível de graduação

e pós-graduação de 2010 a 2016 em Curitiba, cidade onde nasceu seu filho. De volta a Porto Alegre em 2017, atuou como professora substituta na UFRGS até 2018.

Jaime de Andruart nasceu em Itajaí – SC e atualmente reside em Porto Alegre. É aluno do curso de Bacharelado em Letras com ênfase em Língua Inglesa.

João Lira nasceu em Conde – PB e mora em João Pessoa. Estuda Radialismo na UFPB.

Juliana Bastos Paz, nasceu e reside em Porto Alegre. É graduada em Letras – Licenciatura em Língua e Literatura Portuguesa e Espanhola, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Marco Antonio Rocha é curitibano e Curitiba foi a única cidade em que morou até hoje. É mestre em Letras com ênfase em Linguística pela Universidade Federal do Paraná e trabalha como professor de inglês e francês. Quando consegue, também tenta escrever literatura.

Matheus Camini nasceu e reside em Porto Alegre. É graduando em Letras com ênfase em Língua Portuguesa e suas respectivas Literaturas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Além disso, trabalha como ator, escritor e dando aula de literatura brasileira.

Matheus Dorneles nasceu na fronteira oeste do estado do Rio Grande do Sul, em Uruguaiana. Residiu na cidade de Rio Grande, onde fez seu primeiro ano de graduação em Licenciatura em Letras - Português e Francês, na Universidade Federal do Rio Grande. Atualmente reside em Porto Alegre, onde é graduando do mesmo curso na Universidade Federal do Rio Grande do Sul e onde atua como professor de francês do Núcleo de Ensino de Línguas em Extensão.

Nathan Santos Barcellos nasceu em Osório e reside atualmente em Porto Alegre. É graduando em Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa, Língua Inglesa e Literaturas de Língua Inglesa pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, onde participa do grupo Círculo Linguístico: Fonologia & Morfologia.

Oliver Rodrigues Balbi nasceu no Rio de Janeiro, mas mora em Porto Alegre atualmente. É graduando em Letras - Licenciatura em Língua e Literatura Portuguesa e Licenciatura em Língua e Literatura Inglesa, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Roger Gregory Silveira nasceu e reside em Porto Alegre. Cursa Bacharelado em Letras com ênfase em Tradução de Português e Alemão.

Sofia Navarro Schinke nasceu em Porto Alegre e morou por treze anos em João Pessoa, Paraíba, onde se formou no Ensino Médio pelo Curso Técnico Integrado de Instrumento Musical do IFPB. Atualmente é graduanda do curso de Licenciatura em Letras - ênfase em Língua Portuguesa e Literatura de Língua Portuguesa, na UFRGS. Também faz parte do Coral da UFRGS como soprano.

Társis Lima nasceu e mora em João Pessoa, no estado de Paraíba.

Vinicius Moraes de Souza nasceu e mora em João Pessoa. Discente do curso de Licenciatura em Filosofia na Universidade Federal da Paraíba (UFPB).



A expressão latina *Ipsis Litteris* significa “pelas mesmas letras” ou “literalmente”. Designa o nome do Selo criado a partir de parceria iniciada em 2019 entre o Instituto de Letras e a Editora da UFRGS. O logo do Selo enfatiza as iniciais I e L e apresenta no seu centro a imagem da flor de lis, associada à área de Letras. O propósito dessa iniciativa é estimular a publicação de obras ligadas às áreas de Estudos Literários, Estudos Linguísticos e Estudos de Tradução e a seus desdobramentos no ensino e nas práticas sociais. A seleção de originais, em consonância com os padrões editoriais exigidos pela Editora, ocorre por meio de editais, e as propostas são analisadas por pareceristas, que compõem junto com os Membros da Comissão Editorial o Conselho Editorial do Selo. A expertise da Editora da UFRGS contribui para a disseminação quantitativa e qualitativa dessas publicações e temáticas no debate contemporâneo.

Outros títulos da Série IPSIS LITTERIS

Estágio de docência

Percursos de uma experiência docente na formação de professor de Língua Portuguesa

Jane Naujorks, Lucia Rottava, Izadora Chagas Troian e Luiza Laguna Rodrigues (organizadoras)

Configurações do espaço na literatura de autoria feminina

Cinara Ferreira e Cristina Arena Forli (organizadoras)

Sob as cores da barbárie

O imaginário da Segunda Guerra Mundial no horizonte literário brasileiro e português

Christini Roman de Lima

Minion Pro em corpo 10,8 pt

Editora da UFRGS • Ramiro Barcelos, 2500 – Porto Alegre, RS – 90035-003 – Fone/fax (51) 3308-5645 – admeditora@ufrgs.br – www.editora.ufrgs.br • Direção: Luciane Delani • Editoração: Lucas Ferreira de Andrade (Coordenador), Clarissa Felkl Prevedello, Marleni Matte e Rafael Menezes Luz • Administração: Aline Vasconcelos da Silveira, Cláudio Oliveira Rios, Fernanda Kautzmann, Gabriela Azevedo, Heloísa Polese Machado, Jaqueline Trombin e Laerte Balbinot Dias

Alessandra Nicolini
Andressa Bastos Paz
Anna Laura Schepp de Lima
Bárbara Silva
Daphini Moraes Couto
Isadora Dutra | Org.
Jaime de Andruart
João Lira
Juliana Bastos Paz
Marco Antonio Rocha
Matheus Camini
Matheus Dorneles
Nathan Santos Barcellos
Oliver Rodrigues Balbi
Roger Gregory Silveira
Sofia Navarro Schinke
Társis Lima
Vinicius Morais de Souza